



A IGREJA E A COMUNICAÇÃO:
DESAFIOS DO AMBIENTE DIGITAL

Um trabalho de especialistas



DISPONÍVEL
TAMBÉM
EM E-BOOK

Assinados pela Associação dos Liturgistas do Brasil, esses volumes reúnem uma série de artigos redigidos por especialistas membros da Associação ou parceiros dela.

O primeiro livro propõe uma reflexão mais madura sobre o sentido e a identidade da liturgia assumida pelos padres conciliares. O segundo reúne e analisa as interpelações do Papa Francisco para a liturgia de hoje. O terceiro se ocupa do ministério e da celebração da Palavra.

Atualize seus conhecimentos sobre liturgia com quem é referência no assunto!

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 08000-164011
vendas@paulus.com.br
f i @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular
e adquira!



Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

vida
pastoral

No dia 20 de agosto de 1931, aportaram em Santos, com destino à cidade de São Paulo, os dois primeiros padres paulinos: Xavier Boano e Sebastião Trosso. Esta edição de *Vida Pastoral*, portanto, marca o aniversário de 90 anos da presença dos Paulinos no Brasil. Por isso escolhemos o tema **“A Igreja e a comunicação: desafios do ambiente digital”**. O assunto, sem dúvida, é um dos grandes desafios da pastoral na Igreja hoje. O ambiente digital constitui, por assim dizer, “novo aréopago” ou “ágora”, se quisermos evocar duas imagens do mundo grego antigo. Antes, porém, de continuar a exposição, vamos brevemente à fonte da intuição de um jovem que ousou pensar uma nova forma de evangelização.

Pe. Tiago Alberione (1884–1971), fundador dos Paulinos e da Família Paulina, legou para a Igreja um carisma específico: o anúncio de Cristo Mestre, Caminho, Verdade e Vida, ao mundo mediante os instrumentos da comunicação social. Inspirado em São Paulo apóstolo, ele intuiu que era necessário evangelizar com a cultura da comunicação “para que a Palavra corra” (2Ts 3,1). Em Alba (Itália), na noite do dia 31 de dezembro de 1900, com 16 anos, Alberione viveu o que se pode chamar de revelação. Ele rezou durante quatro horas diante do Santíssimo Sacramento e uma “luz especial” a partir da hóstia o iluminou. A luz divina despertou no jovem um forte senso de responsabilidade, fazendo-o sentir-se “profundamente comprometido a se preparar para fazer alguma coisa para o Senhor e para as pessoas do novo século”. Estimulado pelos acontecimentos de seu tempo e tendo meditado a encíclica do papa Leão XIII *Tametsi Futura* (“Ainda que se trate de coisas futuras”), Tiago se projeta para servir a Igreja, valendo-se dos novos meios colocados à disposição pelo engenho humano.

De fato, em 1914 nasce a Pia Sociedade de São Paulo (Paulinos), com o encargo de evangelizar na cultura da comunicação. Alberione, de certo modo, antecipa o que mais tarde fará o Concílio Vaticano II (1962–1965), especificamente com o decreto *Inter Mirifica*, que trata dos meios de

comunicação social. A luz que lhe veio da hóstia naquela vigília e que lhe causou inquietação e compromisso agora clareia ainda mais com a palavra oficial da Igreja: “A Igreja católica, fundada por nosso Senhor Jesus Cristo para levar a salvação a todos os homens, e por isso mesmo obrigada a evangelizar, considera seu dever pregar a mensagem de salvação, servindo-se dos meios de comunicação social, e ensina aos homens a usar retamente estes meios” (IM 3).

Tiago Alberione foi pioneiro em pensar e propor um carisma que levasse adiante um projeto de “verdadeira evangelização” por meio da imprensa, seu desafio inicial; e mais tarde, com o amadurecimento de sua intuição, por meio de todos os meios de comunicação, os mais velozes e eficazes.

Se, no tempo de Alberione, o grande desafio era conceber a imprensa como veículo de evangelização, para nós, hoje, o ambiente digital e suas redes constituem campo fértil e não são menos desafiadores para a comunicação da Boa Notícia. Contudo, assim como no tempo de Tiago Alberione, é fundamental a educação para o bom uso desses meios. Nossa reflexão aqui objetiva justamente pensar nas potencialidades e também em certos riscos que se apresentam nas redes digitais. Através deste tema também apresentamos a nova coleção da Paulus, *Ecclesia Digitalis*, que certamente fará muito bem ao apostolado da comunicação.

Ao comemorar 90 anos de nossa presença e atuação em terras brasileiras, a equipe de *Vida Pastoral* agradece o dom da vocação de Tiago Alberione, dos paulinos da primeira hora – que começaram a missão aqui, sem recursos, com a simplicidade do presépio e o entusiasmo apostólico do apóstolo Paulo – e dos paulinos de ontem e de hoje. Gratidão a todos os colaboradores e interlocutores da missão. Maria Rainha dos Apóstolos seja nossa inspiração na missão de comunicar o Verbo.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Editor

vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes
e agentes de pastoral

Ano 62 - Nº 340
Julho-Agosto de 2021



PAULUS

© PAULUS – 2021
Pia Sociedade de São Paulo
Rua Francisco Cruz, 199
04117-091 – São Paulo – SP
paulus.com.br
ISSN – 0507-7184

Jornalista responsável
Pe. Valdir José de Castro, ssp

Direção editorial
Pe. Sílvia Ribas, ssp

Editor
Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Redação
vidapastoral@paulus.com.br

Conselho editorial
Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp
Pe. Darci Luiz Marin, ssp
Pe. Paulo Sérgio Bazaglia, ssp
Pe. Sílvia Ribas, ssp

Imagens
Romolo Picoli Ronchetti (artigos)
e iStock
(Roteiros Homiléticos)

Imagem da capa
Romolo Picoli Ronchetti

Diagramação
Elisa Zuigeber

Revisão
Alexandre Soares Santana
Tiago José Risi Leme

Impressão - PAULUS

Versão digital



vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica.

Área:
Humanidades e artes.
Curso: Teologia.

Sumário

IGREJA E COMUNICAÇÃO:
UMA APROXIMAÇÃO HISTÓRICA 6
Darlei Zanon, ssp

CATEQUESE DIGITAL: POR ONDE COMEÇAR?
INSIGHTS PARA PENSAR A CATEQUESE EM TEMPOS
DIGITAIS E DE PANDEMIA 16
Aline Amaro da Silva

“VEJAM COMO NÃO SE AMAM!”: INTOLERÂNCIA
INTRACATÓLICA E ANTIEVANGELIZAÇÃO EM REDE.... 24
Moisés Sbardelotto

A ESPERANÇA COMO PERSPECTIVA PASTORAL
PARA A COMUNICAÇÃO 32
Marcus Tullius

ROTEIROS HOMILÉTICOS 39
Marcus Mareano

Assinaturas

A revista **Vida Pastoral** é distribuída gratuitamente pela Paulus.

A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais
e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam
receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados
para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ)
e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já
são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados
também o código de assinante.

Para contato:



✉ assinaturas@paulus.com.br
☎ (11) 3789-4000
☎ (11) 99974-1840

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados
e cópia de comprovante de depósito da contribuição
para despesas postais para:

Revista Vida Pastoral – assinaturas
Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro
04117-091 São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição
para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 300-X, conta 105555-0
Bradesco: agência 0108-2, conta 324139-4

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 – Campina
(91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasilia@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguará, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

COTIA – RAPOSO TAVARES

Av. das Acácias, 58 – Jd. da Glória
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

GUARAPUAVA – PR

Rua XV de Novembro, 7466 - Lj 01
(42) 9926-0224
guarapuava@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111–B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75 - Barris
(71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br





Paulinos no Brasil:

90 anos de serviço à Igreja

Os Paulinos completam, no dia 20 de agosto de 2021, 90 anos de presença em terras brasileiras. Nosso Bem-aventurado Fundador, Pe. Tiago Alberione (1884–1971), em 1931, enviou ao Brasil dois missionários, motivados pelo forte desejo de anunciar Jesus Mestre, Caminho, Verdade e Vida, às pessoas de seu tempo, valendo-se dos meios que a tecnologia humana dispusesse.

Atualmente somos um grupo de aproximadamente 40 religiosos, contando com a ajuda de muita gente que reza e trabalha para responder aos desafios da evangelização em nossa terra. Sendo um grupo pequeno, os religiosos paulinos não conseguem estar presencialmente em todos os estados de nosso país continental. Entretanto, com a graça de Deus, o trabalho realizado atinge um público incontável. Muitos sacerdotes, catequistas e agentes de pastoral testemunham que são beneficiados pela Paulus. Esse é um sinal de que o sonho do Bem-aventurado Pe. Tiago Alberione permanece atual.

Ao longo destes anos, os Paulinos têm se esforçado por realizar seu apostolado em consonância com a Igreja no Brasil.

Fazemos nosso o objetivo geral de evangelização que guia a CNBB: “Evangelizar no Brasil cada vez mais urbano... à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, cuidando da Casa Comum e testemunhando o Reino de Deus rumo à plenitude”. De fato, nosso trabalho de chegar a todas as pessoas, mesmo àquelas que não creem ou não professam nossa fé, só faz sentido “por Cristo, com Cristo e em Cristo”, ou seja, em comunhão com a Igreja.

Expressamos a todos os que se servem deste periódico nosso agradecimento. Também pedimos orações em favor do nosso apostolado. Um pedido especial que fazemos é para que o Senhor continue a despertar no coração dos jovens o desejo de evangelizar de maneira criativa e atraente, a fim de que a vida em abundância do Evangelho chegue a todos. Que Maria Rainha dos Apóstolos e São Paulo Apóstolo sejam sempre nossos intercessores junto a Deus para bem vivermos nossa missão!

Pe. Claudiano Avelino dos Santos, ssp

Superior Provincial dos Paulinos do Brasil

Igreja e comunicação: uma aproximação histórica

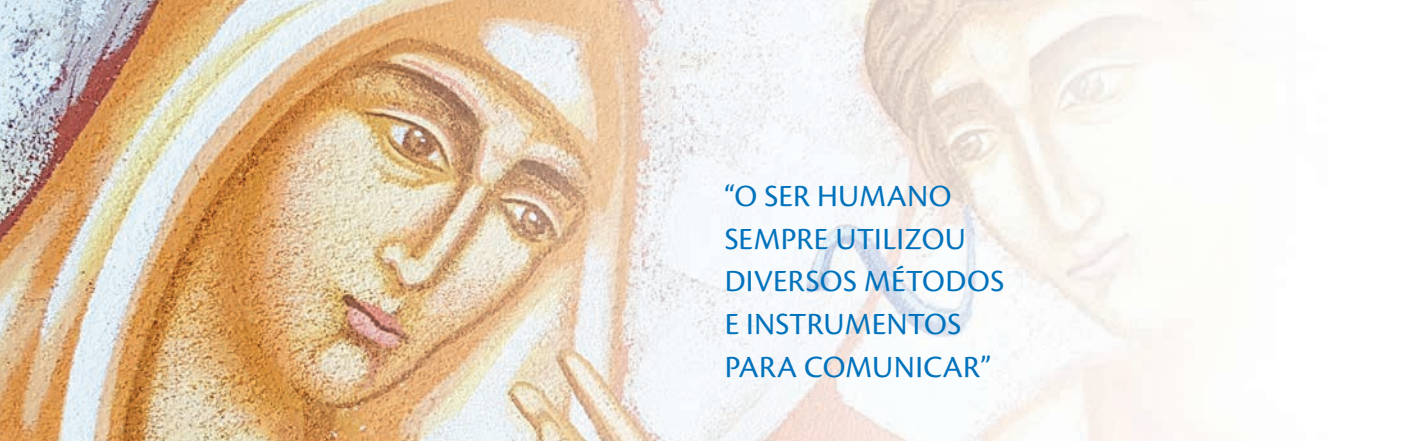


*Frei Darlei Zanon é religioso paulino, natural de Carlos Barbosa-RS. Após a formação em Filosofia (PUC-Camp) e Teologia (Faje), especializou-se em Comunicação (Cásper Líbero/SP), com mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação pela Universidade de Lisboa (ISCTE). Autor de diversos livros e artigos, atualmente é conselheiro-geral da Pia Sociedade de São Paulo e vive em Roma. E-mail: darleizanon@paulus.net

Saiba mais
sobre o livro:



Nas últimas décadas, imersos em um ambiente altamente midiaticado, habituamo-nos à presença da Igreja nos mais diversos meios de comunicação. A imagem, a voz, as mensagens do papa e de tantos membros que formam a Igreja católica se difundem cotidianamente, de modo sempre mais potente e abrangente. Mas foi sempre assim? A proposta do presente artigo é apresentar um panorama histórico da relação da Igreja com a comunicação, pondo em foco não apenas a história recente, marcada pelos meios digitais e eletrônicos, mas também todos os seus dois milênios de existência, entre acertos e erros, luzes e sombras. Parece-nos fundamental conhecer essa rica e longa trajetória para compreender melhor a própria missão da Igreja e como os batizados são chamados a realizar a missão de serem comunicadores do Evangelho, especialmente na cultura da comunicação e na sociedade em rede.



“O SER HUMANO
SEMPRE UTILIZOU
DIVERSOS MÉTODOS
E INSTRUMENTOS
PARA COMUNICAR”

INTRODUÇÃO

A comunicação nasce da necessidade humana de romper o isolamento, de entrar em comunhão, criar relações, dialogar, narrar eventos, transmitir informações, ideias, sentimentos, necessidades, desejos... É importante ter claro, no entanto, que existem inúmeras formas de ver e analisar a comunicação: verbal, não verbal, intrapessoal, interpessoal, grupal, organizacional, social, de massa, instrumental, digital e assim por diante. O ser humano sempre utilizou diversos métodos e instrumentos para se comunicar. Do mesmo modo, a Igreja utiliza e vive todos os aspectos da comunicação. Em cada período da sua história, esteve mais evidente determinada dimensão em algumas épocas, teve destaque a comunicação interpessoal; em outras, a verbal e a social; por vezes, a relacional; atualmente, a digital.

Diferentes estudiosos estabelecem diversos momentos nesse processo, de acordo com uma perspectiva específica que querem ressaltar, mas concordam quase sempre no fato de que a Igreja deu passos significativos ao longo da história, passando de uma postura de rejeição e prudência à aceitação e valorização; de uma visão negativa e neutra àquela positiva e integral. Aceitando os limites de cada período e mentalidade (a “consciência possível”), podemos dizer que a Igreja teve sempre o objetivo de “inculturar” o Evangelho na linguagem e sociedade de cada tempo e lugar, utilizando para tal aquela que julgou ser a melhor “comunicação” possível. Nossa proposta é analisar sucintamente três transformações fundamentais que determinaram

as posturas, atividades e processos na relação entre Igreja e comunicação. Esses três momentos ou paradigmas serão definidos e apresentados como a passagem “*das praças ao púlpito*”, “*do púlpito ao estúdio*” e “*do estúdio novamente às praças (ágora)*”. No livro recentemente publicado pela PAULUS Editora, *Comunicar o Evangelho: panorama histórico do magistério da Igreja sobre a comunicação*, apresentado de modo muito mais pormenorizado esse itinerário. Ali se podem encontrar diversos elementos da práxis pastoral e missionária, além da descrição de todos os documentos mais significativos.

1. DAS PRAÇAS AO PÚLPITO

No prólogo do Evangelho de João, lemos: “No princípio existia a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus, e a Palavra era Deus” (Jo 1,1). Deus é a Palavra, o Verbo, que existe desde sempre. Deus é, desde o princípio, comunicação. A comunhão da Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) é a comunicação perfeita. É essa comunicação que está em Deus (que é Deus) e gera vida. Se recordarmos a narração da criação do mundo no livro do Gênesis (1,1-2,4), veremos que tudo nasce da Palavra: “Deus disse... e assim foi”. A palavra é criadora, na medida em que separa, distingue e põe ordem. Deus cria todas as coisas comunicando, dando nome, narrando. A comunicação cria, gera vida. A comunicação é vida.

A Trindade, portanto, é perfeita comunicação, assim como Jesus Cristo é o comunicador perfeito, pois estabeleceu a “comunhão” (= comunicação) entre a divindade e

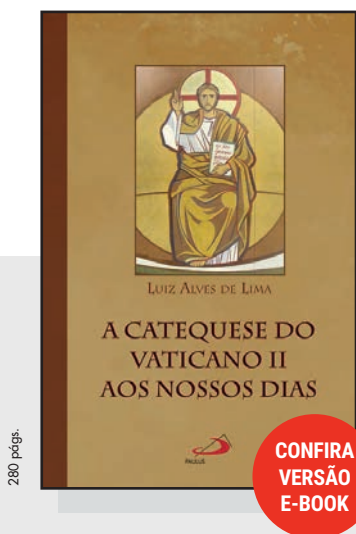
a humanidade. A instrução pastoral *Communio et Progressio* desenvolve essa ideia no seu número 11. Ao longo de todos os relatos do Antigo Testamento, podemos perceber o esforço de Deus em se comunicar com seu povo por meio dos patriarcas, dos profetas e assim por diante. Esse processo de revelação de Deus e do seu projeto para a humanidade foi se dando aos poucos, numa comunicação contínua e progressiva. Na encarnação do Verbo (Jesus Cristo), temos o ápice da revelação e a comunicação perfeita entre Deus e o ser humano. E essa comunicação se dá num encontro: Deus se fez próximo. Ele pôs sua tenda no meio da humanidade. Cristo é *eicon* (ícone, imagem) de Deus invisível, nele a Palavra se torna imagem (corpo), a escuta se torna visão.

O modelo de comunicação como encontro e comunhão – ao qual o papa Francisco recorre frequentemente – caracteriza a ação de Jesus, e é esse modelo de comunicação que marca profundamente a Igreja nascente, já a partir do Pentecostes. De fato, a relação da Igreja com a comunicação existe desde o momento em que Jesus envia seus discípulos – “Vão pelo mundo todo, proclamem o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15) – e desde quando “comunica” seu Espírito e os discípulos “começam a falar outras línguas” (cf. At 2,1-11). O Pentecostes é o símbolo maior da comunicação universal que a Igreja é chamada a concretizar. É enviada a “todos”, por isso deve falar todas as línguas e linguagens, hoje especialmente a digital.

Podemos considerar o Pentecostes como o ponto de partida para o primeiro período da comunicação na Igreja, pois é a contraposição da torre de Babel – esta, simbolicamente, o momento inicial da divisão da humanidade e a origem da “não comunicação”. No Pentecostes, Cristo convoca todos à comunhão, ao restabelecimento daquela unidade essencial existente antes de Babel. Após o “envio” (cf. Mc 16,15-18; Mt 28,18-20;

A catequese do Vaticano II aos nossos dias

Luiz Alves de Lima



280 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro aborda a renovação catequética a partir do Vaticano II. Para compreender a concepção conciliar de catequese, o tema é avaliado antes e depois do Concílio. Assim, o primeiro capítulo é dedicado à história da catequese. O segundo considera a catequese nas discussões do Concílio. Os capítulos seguintes mensuram o impacto do Concílio sobre a educação da fé. Na conclusão, temas do discipulado e da iniciação à vida cristã, com seu novo paradigma catecumenal, também são considerados.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br



“O LIVRO DOS ATOS DOS APÓSTOLOS DESCREVE COM PRECISÃO OS PRIMEIROS PASSOS NA RELAÇÃO ENTRE COMUNICAÇÃO E IGREJA”

At 1,8), os apóstolos iniciam o processo de anúncio da Palavra, a difusão do Evangelho, palavra de origem grega (εὐαγγέλιον/*euangelion*) que significa literalmente “boa mensagem”, “boa notícia” ou “boas-novas”. Os apóstolos (também do grego, significando “enviados”) são os comunicadores dessa “boa notícia”: “Vocês serão minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e Samaria, e até os extremos da terra” (At 1,8).

Com uma comunicação sobretudo oral, seguindo a tradição da época, os discípulos foram de cidade em cidade, de sinagoga em sinagoga, de praça em praça, anunciando a mensagem da salvação e transmitindo os ensinamentos de Cristo, a boa notícia que salva e dá vida. Por isso afirmamos que a comunicação da Igreja é itinerante e parte das “praças”, que são basicamente o “fórum”, nas cidades romanas, e o areópago e a ágora, nas cidades gregas.

O livro dos Atos dos Apóstolos descreve com precisão os primeiros passos na relação entre comunicação e Igreja. Lucas narra com detalhes o processo de anúncio do Evangelho e como este era verdadeira comunicação, pois, além da transmissão, compreendia a prática, isto é, a vivência de um novo estilo de vida: “em comum”. De fato, o primeiro sentido do termo “comunicação” (*communicatio*, em latim) é “comunhão”. Durante os primeiros anos da sua história, a comunicação da Igreja foi marcada por uma relação pessoal, de proximidade, pela dimensão relacional e dialógica, com grande ênfase na tradição oral e não verbal (corpo, símbolos etc.) da comunicação.

Com o passar do tempo, algumas dificuldades surgiram. Os apóstolos e os primeiros discípulos, testemunhas oculares de Jesus, que com ele viveram e aprenderam, começaram a desaparecer, muitos dos quais martirizados. Outro problema era como chegar com a mensagem aonde os apóstolos não podiam ir pessoalmente, visto que as comunidades cristãs começavam a se multiplicar por todo o mundo conhecido na época, do Ocidente ao Oriente. Tudo isso levou os cristãos a fixar os testemunhos orais em forma escrita, nascendo assim as primeiras cartas (a primeira carta de Paulo aos Tessalonicenses é o primeiro escrito do Novo Testamento) e os textos dos Evangelhos, com a narração da vida e do ensinamento de Jesus, além, é claro, de uma série de outros textos (cartas, recolha de ditos e Evangelhos apócrifos, por exemplo). É importante notar que esses escritos eram tidos como “palavra viva”. A prioridade era dada ao conteúdo do texto, e não ao seu suporte. Nesse sentido, não eram “livros” como os concebemos hoje.

Alguns séculos depois da sua origem, a Igreja começou a se confrontar com uma série de mudanças. A mais impactante foi passar de Igreja perseguida a Igreja oficial e, pouco a pouco, da espontaneidade à normatização, da rede horizontal à pirâmide hierárquica. Houve também, no entanto, a mudança cultural, com a passagem da tradição oral à escrita, do texto à imagem, do ambiente judaico à abertura a todos os povos, de uma mensagem apocalíptica ao anúncio escatológico e assim por diante. Mudanças que deram coesão à Igreja, maior organização, segurança, autonomia e

sistematização dos seus conteúdos. A Igreja oficial era livre para construir seus templos e para neles pregar. Tornando-se a religião oficial do Império, podia testemunhar (comunicar) o Evangelho sem medo ou perseguição. Deu-se assim a passagem da comunicação das ruas, praças e casas familiares para o interior dos templos sagrados.

Consolidaram-se desse modo, como símbolo maior do local de pregação (ou comunicação) da Palavra, a sede-cátedra e o “púlpito”. Aqui, porém, começamos a perceber uma diferença fundamental em relação ao período anterior: a interação com o público. No púlpito, o comunicador apenas “fala” (ensina magistralmente), raramente interage, não recebe uma resposta imediata, como acontecia nas praças. Não há “diálogo” (ou *feedback*), mas sim um “monólogo”. O encontro e as relações são fragilizados, pois a “escuta” por parte do emissor diminui. O pregador é o detentor da “verdade” – nisso não há dúvidas, pois anuncia o Evangelho – e a transmite à assembleia reunida. Entretanto, isso dá início a nova lógica comunicativa, que passa a ser hegemônica na Igreja: além do Evangelho, intuitivamente tudo o que os clérigos começaram a comunicar passou a ser interpretado como verdade, como conteúdo indiscutível, como “certezas”. Trata-se de lógica que perdurou por séculos e, ainda em nossos dias, interfere no modo de comunicar da Igreja; por isso, muitas vezes, as novas gerações sentem dificuldade em interagir com a instituição. Infelizmente, alguns clérigos ainda se mantêm no “púlpito”, distantes dos interlocutores, especialmente dos chamados “nativos digitais”.

2. DO PÚLPITO AO ESTÚDIO

Com Gutenberg e a criação dos tipos móveis, a impressão de livros começa a ser feita em série e possibilita a grande divulgação. O livro é, portanto, o primeiro meio de comunicação social, de “massa”. Começa-se

A Igreja e seus ministros

Uma teologia do ministério ordenado

Francisco Taborda, sj



328 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Elaborada em três partes, a obra tem linguagem clara e objetiva, sendo um excelente instrumento de estudo e reflexão para aqueles que desejam compreender a delicada relação entre a Igreja e seus ministros. Assim, a obra trata de estabelecer a maneira como a Escritura e a Tradição nos apresentam o ministério ordenado, para posteriormente analisar a celebração do sacramento da ordem e o valor nele expresso.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br



**“INTER MIRIFICA É O PRIMEIRO
DOCUMENTO QUE TRATA DOS
MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE
MODO INTEGRAL E COMPLETO”**

a mudar do púlpito (comunicação personalizada, para um grupo limitado) para o “estúdio”, inicialmente com a tipografia e, posteriormente, adotando todos os meios de massa. A prioridade passa a ser dada ao livro, ao suporte, com uma reflexão a partir de dentro, e não de fora; uma lógica unidirecional, e não relacional; de massa e já não interpessoal, como era nas praças e, em menor grau, também no púlpito. Inicia-se uma forma de comunicar não presencial (fisicamente) e não contextualizada, que transcende os limites do tempo e do espaço.

Com a progressiva difusão de livros, opúsculos, periódicos e materiais similares, os papas começam a adotar medidas de controle, emitindo pronunciamentos que condenam os instrumentos de “corrupção” da fé, da moral e da vida social. O primeiro documento oficial é o breve *Accepimus Litteras Vestra*, do papa Sisto IV (1414-1484), enviado à Universidade de Colônia (Alemanha) no dia 17 de março de 1479. Assim afirmava o pontífice: “A arte da imprensa, ao mesmo tempo tida como utilíssima porque facilita a multiplicação de livros úteis e notáveis, pode se tornar danosíssima se quem a possui utilizar mal, imprimindo aquilo que é nocivo”. Essa frase resume a visão da Igreja, a qual perdurou por décadas e levou à criação da censura e do *imprimatur*, com o fim de evitar a difusão de doutrinas heréticas, conteúdos impróprios às pessoas incultas e versões não autorizadas dos textos bíblicos.

Com o passar do tempo, felizmente, a Igreja foi mudando sua postura, entrando também ela, de modo assertivo, nos

“estúdios”. Já com o papa Leão XIII (1810-1903) se passam a notar pequenos sinais de nova direção, com maior flexibilidade em relação à imprensa e às novas invenções técnicas da época, especialmente o rádio e o cinema. Esse papa considera os meios de comunicação de massa importante instrumento de opinião e afirma que a Igreja poderia utilizá-los para a evangelização. “Poderia”, note-se bem. Há ainda muita prudência e cautela. Diríamos ser um período de transição, *neutro*. Um olhar curioso, mas, ao mesmo tempo, desconfiado. Na encíclica *Imortale Dei* (1885), por exemplo, Leão XIII convoca as dioceses para terem seus próprios semanários e os padres católicos para serem protagonistas na imprensa, como escritores de conteúdos fiáveis. Afirma que “é preciso opor escrito a escrito, publicação a publicação”. A imprensa pode ser um meio potente para a educação da sociedade, mas é preciso ter uma postura crítica e limitar seu uso. O papa exorta a que se criem periódicos cristãos para combater sobretudo as ideologias anticlericais da época.

Multiplicavam-se, nesse período (fim do século XIX e início do século XX), os jornais diocesanos, as editoras católicas, as revistas de inspiração cristã, as salas paroquiais de cinema. A Igreja começa a se estabilizar no “estúdio”, seja ele tipográfico, periódico, radiofônico, cinematográfico ou televisivo. Já estamos nos encaminhando para o Concílio Vaticano II, e documentos pontifícios exibem nova mentalidade em relação aos meios de comunicação. Há, sobretudo, um

incentivo à formação para a comunicação, para a leitura crítica dos conteúdos apresentados na imprensa, assim como para que os cristãos se empenhem em uma comunicação de valor e de conteúdo fidedigno. Veem-se os primeiros sinais da aurora, que surgirá exatamente com o Concílio. Leão XIII, Pio X, Bento XV, Pio XI e Pio XII fazem parte desse período de neutralidade, mas com sinais de abertura aos novos meios.

O Concílio Vaticano II consagrará essa abertura por meio do decreto *Inter Mirifica*, aprovado no dia 4 de dezembro de 1963. É o primeiro documento que trata dos meios de comunicação de modo integral e completo. Trata-se verdadeiramente de um divisor de águas, de uma mudança de paradigma em relação ao modo como o magistério viu e definiu os meios de comunicação até então, pois “consagra” a comunicação como apostolado eclesial, ou seja, como verdadeira pregação, ao lado da pregação oral tradicional. A Igreja assume plenamente o “estúdio” como espaço de missão e evangelização.

O mérito do decreto *Inter Mirifica* é enfatizar que a Igreja *deve* usar os meios de comunicação para a evangelização, deve adaptar-se às novas tecnologias, assumi-las, o que causou certa perplexidade e espanto em muitos padres capitulares. Por meio do *Inter Mirifica*, o Concílio Vaticano II solicitou a instituição do Dia Mundial das Comunicações (celebrado anualmente e marcado por especial mensagem do papa) e também do Pontifício Conselho para a Comunicação Social, hoje englobado no Dicastério para a Comunicação. É esse conselho que irá elaborar os documentos *Communio et Progressio* (1971) e *Aetatis Novae* (1992), fundamentais no estudo da comunicação eclesial. No mesmo período, os documentos de Paulo VI e João Paulo II consolidaram a ideia de comunicação como cultura e a necessidade de inculturar o Evangelho nesse ambiente.

A oração contemplativa

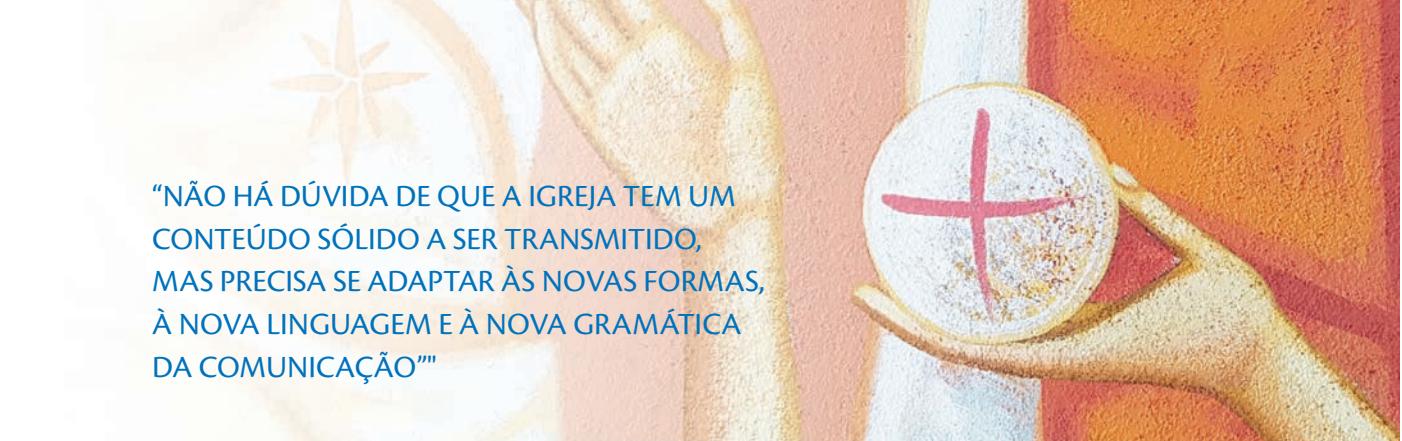
Hans Urs von Balthasar



A obra trata da profundidade e do esplendor da oração contemplativa a partir de uma visão global da revelação cristã, para que a noção de sua necessidade indispensável seja fortalecida na vida cristã como um todo, e em especial nos dias de hoje. Ela não oferece meditações já realizadas, mas pontos a serem meditados, especialmente sobre trechos do Novo Testamento. Esses pontos são simples estímulos, que visam fomentar a autonomia e a intuição contemplativa do leitor.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br



“NÃO HÁ DÚVIDA DE QUE A IGREJA TEM UM CONTEÚDO SÓLIDO A SER TRANSMITIDO, MAS PRECISA SE ADAPTAR ÀS NOVAS FORMAS, À NOVA LINGUAGEM E À NOVA GRAMÁTICA DA COMUNICAÇÃO”

3. DO ESTÚDIO À ÁGORA DIGITAL

Do livro à *web*, incluindo televisão, rádio, cinema, arte etc., a Igreja passou da convicção de que os meios de comunicação eram “diabólicos” a uma visão mais moderada, aceitando-os como instrumentos que podem ser utilizados tanto para o mal quanto para o bem; e, posteriormente, dessa visão neutra a uma avaliação positiva, assumindo os meios de comunicação como geradores de nova cultura e instrumentos fundamentais para a evangelização e a catequese, verdadeiras “maravilhas de Deus”. Em todos esses momentos, porém, percebe-se ainda a influência da “lógica do púlpito”, daquela comunicação unidirecional, linear, hierárquica, vertical, quase impositiva, onde há pouco diálogo e proximidade. A Igreja se preocupou sobretudo com “o que” dizer e pouco com o “como” comunicar.

Não há dúvida de que a Igreja tem um conteúdo sólido a ser transmitido, mas precisa se adaptar às novas formas, à nova linguagem e à nova gramática da comunicação para melhor responder aos anseios do ser humano contemporâneo. A comunicação eclesial precisa “descer do púlpito” não só fisicamente, como na fase anterior, mas também simbolicamente. Descer do público para encontrar, nas “praças”, as pessoas concretas, as realidades cotidianas, as histórias reais e as diferentes formas de ver, viver e interpretar a fé e a doutrina. E, com essas pessoas e realidades, estabelecer verdadeira “comunicação”, relação.

Estamos nos referindo a uma nova “praça”, que se manifesta sob duas formas ou dimensões intimamente interligadas entre

si, em contínua comunicação: a praça física (*off-line*), que poderíamos dizer “de carne e osso”, e a praça digital (*on-line*), formada de *bytes*, mas não por isso menos real e plena de vida. Ao abraçar a cultura digital, a Igreja não está renunciando aos seus valores básicos. Pelo contrário, tem a possibilidade de apresentá-los a uma nova cultura, a um novo ambiente, realizando assim sua missão de evangelizar. Assumindo a ideia de que comunicar na rede é partilhar, os três últimos papas pedem aos cristãos que manifestem sua integralidade na rede, e não partes, fragmentos, que conduziram à construção de uma autoimagem narcisista e esquizofrênica. O digital deve auxiliar na concretização da missão cristã, que é ir ao encontro do outro, do próximo, testemunhando o Evangelho com sinceridade e compromisso. Com as potencialidades que a rede proporciona, o cristão não pode ficar indiferente ou usar a tecnologia como qualquer outra pessoa. Tem de dar testemunho. E o testemunho do Evangelho no mundo digital deve conduzir ao encontro – o eixo central que conduz toda a visão comunicativa do papa Francisco.

A linguagem digital provocou, sem sombra de dúvidas, uma revolução na sociedade e, conseqüentemente, na Igreja. Em pouco mais de 30 anos de popularização da internet e das redes sociais, vimos nascer nova cultura, nova era, capaz de mudar conceitos como tempo, espaço, presença, relações. Estamos imersos em uma “mudança de época”, como repetem diversos especialistas e, de modo particular, o papa

Francisco. Além do ambiente digital, contudo, o papa Francisco tem insistido no resgate da comunicação interpessoal e presencial, do contato pessoal, da escuta, do diálogo, das relações humanas.

Francisco é protagonista regular em meios de comunicação social como a televisão, a rádio e também o cinema; é um *best-seller* no mundo editorial, seja de livros, seja de revistas; é um incentivador das redes sociais, com atualizações constantes em suas contas no Twitter e no Instagram, além de estar se tornando um *youtuber* famoso por meio dos “vídeos do papa” (www.thepopevideo.org) e marcar presença constante na internet mediante videoconferências, videomensagens, celebrações ou catequeses e bênçãos *on-line*. Entretanto, Francisco tem uma sensibilidade particular para a comunicação interpessoal, manifesta tanto nos seus diversos encontros presenciais e nos telefonemas que faz regularmente como em suas mensagens e documentos. Podemos assim dizer que, ao mesmo tempo que incentiva a cultura do encontro na *ágora* digital (*on-line*), o magistério de Francisco também insiste na *ágora* analógica, física, *off-line*, exatamente porque elas são complementares e inseparáveis.

A ideia de comunicação do papa Francisco é, em muitos sentidos, revolucionária, pois centra seu discurso sempre no “sujeito” que comunica, posiciona sua reflexão nos aspectos humanos da comunicação, insistindo em vícios e virtudes do uso da tecnologia e dos instrumentos. Essa visão é muito clara quando fala em “passar da cultura do adjetivo para a teologia do substantivo”. Em vez de enfatizar o “social”, o “de massa” ou mesmo o “digital” na comunicação, enfatiza o “comunicador”, o sujeito que comunica, a relação.

Francisco propõe ainda uma leitura original da comunicação, centrada no termo “proximidade”. Esta é a chave de leitura, segundo o papa, para ver e interpretar a comunicação.

Uma comunicação humana que supera o tecnicismo e é inspirada sempre em Deus, o qual “se abaixa” para se comunicar ao e com o ser humano. Uma comunicação humana que expressa a abertura ao outro, à transcendência, à esperança, ao diálogo, à interação etc.; que expressa acolhida e encontro.

A comunicação imaginada e proposta por Francisco está a serviço dessa cultura do encontro. Comunicação como reciprocidade, partilha, alteridade, profundamente humana. Ele convida a dar passos em direção ao outro, ao próximo e ao distante, dando-lhes espaço. Convida-nos a nos mover, especialmente, em direção às periferias, que para o papa são geográficas, existenciais e humanas. Convida-nos a “sair”, a doar para receber, insistindo na partilha e na reciprocidade, seja no ambiente digital, seja naquele físico.

É tudo isso que caracteriza, portanto, o atual momento histórico da relação entre Igreja e comunicação. O que virá a seguir?

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARAGLI, Enrico. *Comunicazione, comunione e Chiesa*. Roma: Studio Romano della Comunicazione Sociale, 1973.
- CEBOLLADA, Pascual (Ed.). *Del génesis @ internet: documentos del magisterio sobre las comunicaciones sociales*. Madrid: BAC, 2005.
- CNBB. *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*. Brasília: CNBB, 2014.
- LORUSSO, Anna Maria; PEVERINI, Paulo (Org.). *Il racconto di Francesco: la comunicazione del papa nell'era della connessione globale*. Roma: LUISS, 2017.
- ZANON, Darlei. *Igreja e sociedade em rede: impactos para uma cibereclesiologia*. São Paulo: Paulus, 2019.
- _____. *Comunicar o Evangelho: panorama histórico do magistério da Igreja sobre a comunicação*. São Paulo: Paulus, 2021.

Saiba mais
sobre o livro:



*Aline Amaro da Silva é jornalista, radialista, escritora, mestra e doutoranda em Teologia pela PUC-RS. Fez parte de sua pesquisa doutoral na Ruhr Universität Bochum, Alemanha, sobre ciberteologia, teologia digital, teologia comunicativa e teologia da comunicação. Atua na formação teológica e comunicacional de catequistas e evangelizadores, ministrando cursos, *workshops* e palestras por todo o Brasil. E-mail: silva.alineamaroda@gmail.com

Catequese digital: por onde começar?

Insights para pensar a catequese em tempos digitais e de pandemia

Este artigo trata de temas indispensáveis para repensar o agir catequético, a fim de superar os desafios que enfrentamos hoje: uma sociedade em digitalização e uma pandemia que dificulta o encontro físico. Propomos um itinerário de conscientização sobre essas mudanças, para formar uma catequese 4.0, integral e integradora, física e digital.

INTRODUÇÃO

“Catequese digital: por onde começar?” Esta é uma questão que todo catequista deve estar se propondo neste momento de pandemia. Também é o título de um livro que será publicado pela Editora Paulus neste ano de 2021. O presente trabalho sintetiza os principais temas abordados naquela obra, fruto de formações sobre a catequese na era digital ministradas, a partir de 2015, em diversas regiões do Brasil. Com as medidas de distanciamento, a catequese deve encontrar meios para prosseguir de forma remota. Dessa forma, surgiu a urgência de desenvolver um modelo de catequese digital.

Pode-se chamar de metanoia digital o processo de construção de nova mentalidade sobre si, sobre o mundo e sobre a fé impactados pela cultura digital. A metanoia digital é

não apenas uma conscientização sobre o que é a rede, mas também um processo aberto de amadurecimento da compreensão do que estamos vivendo como cristãos e cidadãos desta sociedade em rede global. Assim como a Igreja deve estar em estado permanente de missão, é convidada a lançar novo olhar sobre a realidade permeada pelo digital.

Essa reflexão é aprofundada ao longo dos capítulos do livro. Neste artigo, vamos apenas pontuar os assuntos centrais para realizar o processo em questão. São eles: cultura digital, ciberteologia, geração *net*, cibergraça, evangelização e catequese digital. Seguimos para o primeiro passo – entender melhor a rede e a cultura contemporânea, pois nossa metanoia digital começou.



“A CULTURA DA REDE TRANSFORMOU NOSSA RELAÇÃO COM O ESPAÇO E O TEMPO, TORNANDO O TEMPO MAIS IMPORTANTE QUE O ESPAÇO”

1. “Lançai-vos nas redes”: um mergulho na cultura digital

A catequese deve estar atenta às mudanças que a cultura digital e a pandemia trouxeram e acolher as oportunidades que surgem para a educação da fé. Como o *Diretório para a Catequese* (n. 359) observa: “O digital, portanto, não apenas faz parte das culturas existentes, mas está se estabelecendo como uma nova cultura, modificando primeiramente a linguagem, moldando a mentalidade e reformulando as hierarquias dos valores”. Esse primeiro tópico nos convida a ingressar no processo de conscientização e descoberta desse novo mundo interconectado pelas redes digitais.

A era da (des)informação nos deu nova experiência de espaço desterritorializado e de comunicação instantânea e ubíqua. A cultura da rede transformou nossa relação com o espaço e o tempo, tornando o tempo mais importante que o espaço. Quando falamos em rede, não nos referimos ao sistema de dispositivos digitais, mas às pessoas conectadas por essas tecnologias, formando uma rede de comunicação humana. O papa Francisco (2014) compreende que o ambiente digital é um lugar rico em humanidade, pois não é tecido por cabos, e sim por relações humanas. Por isso, a internet não é apenas uma estrutura técnica, mas sobretudo experiência de relações, às vezes entre pessoas (relação “eu e tu”), outras vezes com máquinas e inteligências artificiais (relação “eu e isto”).

Em vista disso, podemos constatar que o ciberespaço não é um ambiente neutro, mas

um espaço qualificado pelas nossas ações. Assim, podemos definir o ambiente digital como um lugar antropológico, ético, social. Devemos considerá-lo ainda um lugar sagrado, sobretudo no contexto atual de pandemia, ambiente de prática e cultivo da fé. Dessa experiência cristã na *web*, emergem questões teológicas que requerem nova abordagem: a ciberteologia.

2. Ciberteologia: a fé que busca compreender o mundo de hoje

Baseada na teologia dos sinais dos tempos do Concílio Vaticano II, a ciberteologia foi criada em 2012 pelo jesuíta italiano Antonio Spadaro como novo campo teológico que busca compreender a cultura digital à luz da fé e seus impactos para o entendimento e a vivência da fé cristã. A ciberteologia entende a internet como um lugar teológico onde o teólogo pode se posicionar para ler a realidade e refletir sobre a fé hoje.

Essa nova abordagem tem como fundamento o seguinte raciocínio: se as tecnologias digitais, especialmente a internet, mudaram a maneira de comunicar, pois modificaram a linguagem, conseqüentemente alteram nossa forma de pensar. Se entendemos a teologia como *intellectus fidei*, pensar a fé, então, a cultura digital está transformando também o jeito como se faz atualmente teologia. Nesse sentido, a ciberteologia é definida como “pensar a fé cristã nos tempos da rede” (SPADARO, 2012). Outras abordagens teológicas relacionadas ao fenômeno digital estão surgindo, como a teologia digital, que nasceu em 2014, na teologia protestante. A catequese sofreu mudanças drásticas neste período de pandemia, que acelerou ainda mais o processo de digitalização. Entender as mudanças na comunicação da fé é tão importante, que o novo *Diretório para a Catequese* (2020) contempla essa temática entre os números 359 e 372. A cultura digital, que trouxe a necessidade de novos fazeres teológicos, formou também novos sujeitos eclesiais que devemos conhecer.

3. Nativos digitais: os novos protagonistas da catequese

O sucesso de uma comunicação depende principalmente do conhecimento e da proximidade entre os interlocutores. Por isso, os catequistas devem conhecer as características de comunicação, visão de mundo, comportamento e aprendizagem dos catequizandos. Com a globalização, esses aspectos foram sendo compartilhados pelos jovens de uma mesma época. Assim surgiu o estudo das gerações. Atualmente, seis gerações convivem juntas (OLIVEIRA, 2010, p. 41-57). São elas: *Belle Époque* (nascidos aproximadamente entre 1920 e 1940), *Baby Boomers* (1940-1960), X (1960-1980), Y (1980-1999), Z (1999-2010) e Alfa (2011 até agora). Essas diferenças de mentalidade podem causar conflitos entre gerações, se não buscarem o conhecimento mútuo.

Podemos classificar essas gerações em dois grupos: as três primeiras gerações formam o grupo dos imigrantes digitais, e as três últimas constituem aqueles que cresceram em meio à revolução digital, chamados de nativos digitais. É necessário frisar que ser um nativo digital não significa que a pessoa nasceu sabendo como e para que utilizar os meios digitais; o termo quer designar o período, contexto e aspectos compartilhados por esses indivíduos. Todas as gerações, em algum nível, precisam ser educadas para o digital.

A geração Y é a primeira geração digital e global. É nela que percebemos grande ruptura de padrão de comportamento em relação às gerações anteriores. Novas características comunicacionais aparecem na geração Y e são intensificadas nas gerações digitais posteriores. Com certeza, um diferencial da geração Alfa em relação às demais será a experiência da pandemia. Para exemplificar tais mudanças, selecionamos algumas características das gerações digitais (TAPSCOTT, 2010, p. 41-51):

- As relações de autoridade na família, escola e trabalho estão mudando, pois o poder e o conhecimento já não estão apenas com os

A Verdade é sinfônica

Aspectos do pluralismo cristão

Hans Urs von Balthasar



Através da metáfora “sinfônica”, o autor nos ajuda a perceber que a pluralidade de carismas e ministérios eclesiais não é incompatível com a unidade da Igreja. Ao contrário, não é necessário se afastar um milímetro sequer do centro do mistério de Cristo. É através dele que se descortina um imenso espaço de liberdade e pluralidade na unidade da Igreja Católica, garantido pelo Espírito Santo.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

pais, chefes e mestres; as crianças e jovens, por sua habilidade com os dispositivos digitais, agora possuem autoridade tecnológica. Isso está deixando as relações sociais mais horizontais, colaborativas e compartilhadas.

- O ambiente multicultural e pluralista em que cresceram tornou a juventude digital mais aberta e tolerante, ativista no combate às injustiças sociais, embora sua ação se dê mais por manifestações nas redes do que nas ruas.
- São analíticos, observadores e íntegros – buscam a liberdade de estudar, trabalhar e viver de acordo com seus gostos e crenças.
- O tempo real, a velocidade e a exposição às mídias os tornaram ansiosos, impacientes, dispersivos e necessitados de reconhecimento.
- Suas capacidades cognitivas mudaram. Devido ao excesso de informação e notícias falsas, desenvolveram melhores habilidades de processamento, seleção, categorização e aproveitamento dos dados.

Sobre sua cognição, Michel Serres (2013, p. 37–38) acrescentaria que o intelecto dos nativos digitais se tornou mais criativo e inventivo. É importante deixar claro que, embora o estudo das gerações tenha se tornado indispensável na formação dos catequistas, isso não quer dizer que todos os catequizandos desenvolverão os mesmos traços de comportamento e aprendizagem. Existem outros fatores que influenciam sua mentalidade. Como passar da experiência de conexão para a comunhão? É o que refletiremos na cibergraça.

4. Onde há ciberpecado, há ainda mais cibergraça

A cultura digital não é realidade passageira, por isso devemos descobrir como viver na graça nessa nova realidade, que requer de nós maior maturidade e disciplina. Com as medidas de distanciamento, passamos a ver a comunicação digital como única forma de nos relacionarmos com as pessoas de fora. Embora sejam indiscutíveis os benefícios que a rede proporciona, corremos o risco

“A IGREJA, EM VÁRIOS DOCUMENTOS, ORIENTA NOSSA CONDUTA MORAL NAS MÍDIAS, POIS SABE QUE A CULPA DOS MALES NÃO É DOS MEIOS UTILIZADOS, MAS DE QUEM OS UTILIZA”

de ficarmos dependentes dela e nos isolarmos numa bolha. Todo desvio de comportamento na internet que cause danos à pessoa que o comete ou a outros, chamamos de ciberpecado. Assim como boas iniciativas migraram para o modo *on-line*, as más ações também ganharam sua versão digital. Podemos citar algumas: *cyberbullying*, *fake news*, ciberterrorismo, guerra e espionagem cibernética, pedofilia e pornografia digital, mercado negro, *dark web*.

Um problema atual é o uso dos dados pessoais dos usuários para gerar lucro. Quando utilizamos um serviço “gratuito” na internet, na verdade ele não sai de graça: nós nos tornamos o produto que a plataforma está vendendo a seus anunciantes. Esse é um dos dilemas de caráter moral que formam o que chamamos de pecado estrutural da rede. É importante termos consciência de que a internet tem problemas estruturais, para não cairmos na rede como numa armadilha, mas buscarmos aperfeiçoá-la.

A Igreja, em vários documentos, orienta nossa conduta moral nas mídias, pois sabe que a culpa dos males não é dos meios utilizados, mas de quem os utiliza. Se os recursos da internet potencializam a propagação do pecado que cometemos, podem expandir ainda mais a graça que vivemos e os bens que praticamos.

A graça é benevolência e ação divina, mas precisa da correspondência humana. Por isso, a cibergraça busca refletir sobre como viver de forma equilibrada em tempos digitais. Para auxiliar a ação de Deus na nossa vida, precisamos cultivar bons hábitos por intermédio da ascese digital: criar uma rotina de atividades *on-line* e *off-line*, fazer

bons propósitos e respeitar horários. Às vezes precisamos de um *detox* digital, isto é, de um período de renúncia da conexão para nos reconectarmos com as pessoas e com Deus.

Deus está presente no ciberespaço e transforma a conexão em rede de comunhão quando dois ou mais estão reunidos em nome de Jesus (Mt 18,20). Toda vez que estamos em estado de graça, trazemos o Reino de Deus para nossa rede de contatos. A internet é dom de Deus e não foi inspirada para nos separar, mas para nos religar. Ao ser utilizada para o mal, está sendo desvirtuada do seu papel original de facilitar a comunhão. Portanto, definimos cibergraça como pessoas em comunhão na era da cultura digital.

Assim como fizemos uma releitura da graça nos tempos da rede, também precisamos repensar a ação evangelizadora na conjuntura atual.

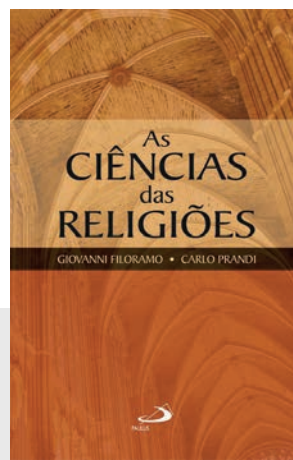
5. Evangelização na era digital: um novo olhar

A cultura digital nos ajuda a entender que a verdadeira comunicação é uma ação recíproca entre os interlocutores. Se evangelizar é comunicar (DP 1979, n. 1063), então evangelização é partilha da alegre notícia da salvação. Evangelizar não é só propagar um conteúdo; é um comprometimento de vida com Jesus Cristo e com os irmãos. Compromisso que dá à nossa vida propósito, alegria e beleza. “Anunciar Cristo significa mostrar que crer nele e segui-lo não é algo apenas verdadeiro e justo, mas também belo, capaz de cumular a vida dum novo esplendor e duma alegria profunda, mesmo no meio das provações” (EG 167). Um dos principais desafios de nosso tempo é passar da lógica da transmissão ao compartilhamento.

Evangelização é um conjunto de ações que abrange as dimensões do ser, dizer e fazer: encontro autêntico, diálogo fecundo, escuta ativa, olhar atento, gestos de ternura. Evangelizar é comungar da vida do outro e compartilhar a vida com o outro: olhou, sentiu compaixão, aproximou-se e cuidou

As ciências das religiões

Carlo Prandi e Giovanni Filoramo



304 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra expõe o duplo movimento executado pelo estudo das religiões no pós-guerra: o de crescente especialização, por um lado, e, por outro, o de busca por sentido e globalidade em seus processos de pesquisa. Comenta ainda a multiplicação, também no plano acadêmico, das histórias religiosas particulares, que tendem a especializar-se internamente e, ao mesmo tempo, a dilatar-se para o exterior, a ponto de idealmente cobrir todo o planeta e sua história.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br



“A CATEQUESE DEVE SER UM PROCESSO QUE ENRIQUECE E IMPULSIONA A CAMINHADA DE TODA A VIDA, VERDADEIRA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ”

dele (Lc 10,33). Só evangeliza quem ama e é amado. A experiência do amor de Deus nos move a testemunhar esse amor aos outros.

Para a catequese, que constitui uma das etapas do processo evangelizador, é importante renovar o sentido da evangelização como comunhão entre pessoas. Para pensar o anúncio do Evangelho na era digital, “a verdadeira questão não é como utilizar as novas tecnologias para evangelizar, mas sim como se tornar uma presença evangelizadora no continente digital” (DC 371). Participar e colaborar são aspectos indispensáveis no processo evangelizador dos nativos digitais, principalmente na catequese, que deve cultivar a fé por meio da experiência com o mistério divino que toca nossa realidade.

Com o movimento de secularização da sociedade e da cultura, boa parte das crianças e jovens está crescendo sem o ensino da fé nas famílias. A preparação para os sacramentos, que passou a ser vista mais como rito social do que prática da fé, tornou-se oportunidade de evangelizar os batizados. Assim, no tempo atual já não se podem separar as etapas de evangelização e catequese, como explica o novo *Diretório*: “O anúncio não pode mais ser considerado simplesmente a primeira etapa da fé, prévia à catequese, mas sim a dimensão constitutiva de cada momento da catequese” (DC 57). A catequese hoje não deve ser considerada um estudo sistemático da fé, mas um encontro gerador da própria fé mediante o diálogo, a participação e boas relações.

6. Catequese digital: em busca de nova pedagogia

Em 2015 iniciamos formações para refletir sobre os desafios e possibilidades da catequese na era digital, abordando os assuntos tratados nos tópicos deste artigo, a fim de entendermos a cultura, o sujeito e o contexto contemporâneo, e assim aprimorarmos a pastoral catequética. Agora com a quarentena, essa base de reflexão se tornou ainda mais fundamental e surgiu a necessidade de dar um passo adiante no processo de renovação do trabalho catequético: a catequese digital.

Entendemos catequese digital como a prática de encontros catequéticos por meio da internet. Dividimos em dois níveis as ações catequéticas na rede: o cultivo da relação catequizando-catequista, mediante o compartilhamento de conteúdo nas mídias digitais, e o encontro catequético *on-line* propriamente dito.

A catequese para a era digital precisa responder a quatro questões:

- Como integrar as novas tecnologias na pedagogia catequética?
- Quais os conteúdos mais relevantes para trabalhar na catequese hoje?
- Como desenvolver a competência midiática dos catequistas e catequizandos para terem olhar crítico e discernimento sobre o impacto da cultura digital na vida humana e na fé?
- Como atualizar a pedagogia catequética em consideração às propriedades comunicativas e de aprendizagem que a comunicação digital nos trouxe?

Esses pontos elucidam que renovar a pedagogia catequética à luz da experiência da rede vai além do uso das mídias digitais na catequese; é preciso avaliar quais ações, vivências e técnicas proporcionariam uma abertura maior ao mistério divino de acordo com as particularidades das gerações digitais.

Devemos priorizar pedagogias catequéticas que correspondam às características dos nativos digitais, que promovam interação,

diálogo, participação e engajamento. A catequese deve aprofundar o estudo de pedagogias humanizadas e humanizadoras, interativas, dinâmicas e abertas, que visem ao crescimento e à emancipação do sujeito, a fim de formar cristãos preparados para enfrentar os desafios que a sociedade em rede trouxe e ainda trará para a vida cristã.

Conclusão

Apesar de vivermos numa era líquida, permeada pela cultura do descartável, temos o desafio de mostrar na catequese que o amor de Deus não é provisório, mas eterno; que nossa fé não é uma adesão momentânea e sazonal a Cristo, mas define nossa vida inteira. A catequese deve ser um processo que enriquece e impulsiona a caminhada de toda a vida, verdadeira iniciação à vida cristã.

Existem níveis de presença, atenção, comunicação e encontro, seja no ambiente físico, seja no digital. Neste momento, o mais importante é mostrarmos ao catequizando que ele não está só; que faz parte de uma comunidade que se importa com ele; que estamos unidos em comunhão, embora distantes territorialmente; e, sobretudo, que ele é amado por Deus. Portanto, precisamos buscar a qualidade e autenticidade de nossas relações para uma vida, evangelização e catequese mais plenas.

Aprendendo com nossa experiência de pandemia, já não podemos ver a comunicação e a catequese digital como atividades de caráter complementar. A catequese digital não substituirá toda catequese no ambiente físico, mas deve ser pensada como ótima alternativa em circunstâncias em que o encontro geográfico não é possível. Para o pós-pandemia, precisamos começar a construir uma catequese híbrida, 4.0, que contenha em seu plano geral os modelos tradicionais e digitais. Assim, conseguiremos atualizar o método e ainda fazer que nossa evangelização e educação da fé alcancem mais pessoas, as quais, muitas vezes, não são contempladas pelo modo convencional. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CELAM. *Documento de Puebla* (DP), 1979. Disponível em: <http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906182452.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2020.

OLIVEIRA, Sidney. *Geração Y: o nascimento de uma nova geração de líderes*. São Paulo: Integrare, 2010.

PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (EG), 2013. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 10 jul. 2020.

_____. *Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais*: comunicação a serviço de uma autêntica cultura do encontro. Roma, 2014. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 3 fev. 2020.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a Catequese* (DC). Brasília: CNBB, 2020. Edição do Kindle. (Documentos da Igreja, 61.)

SERRES, Michel. *Polegarzinha*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

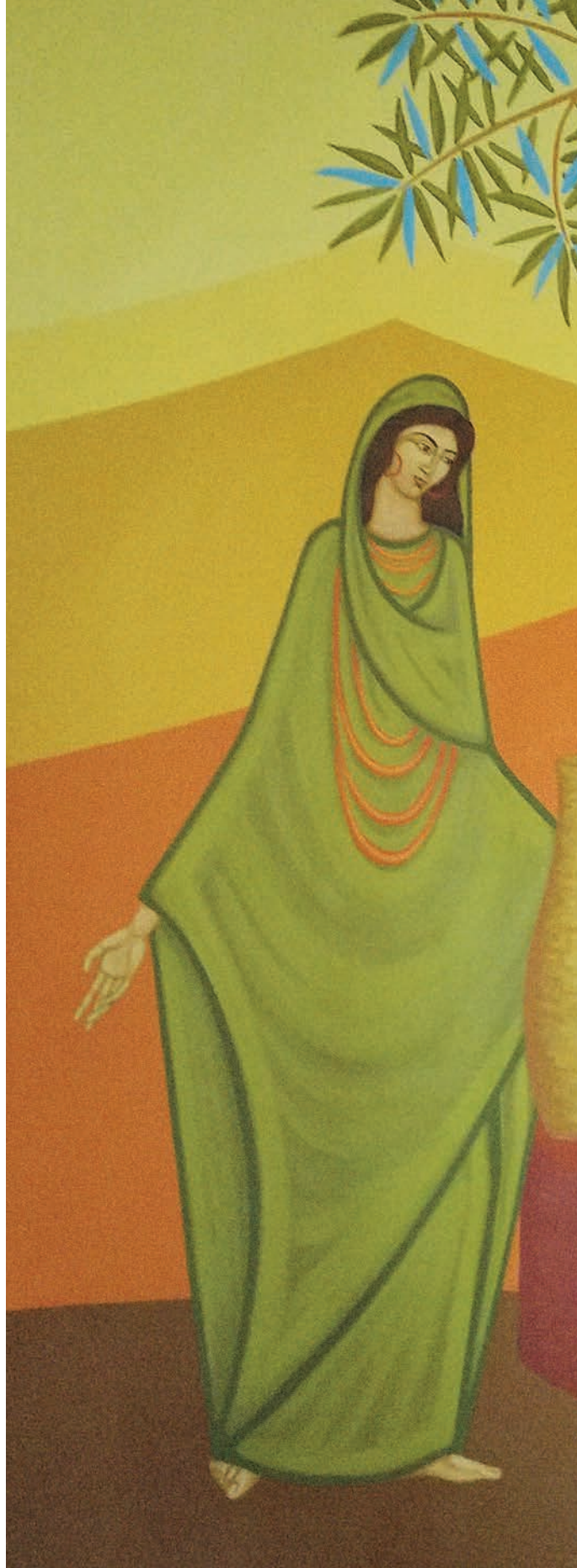
SILVA, Aline Amaro da. *Cibergraça: fé, evangelização e comunhão nos tempos da rede*. Dissertação (Mestrado em Teologia)—Faculdade de Teologia, PUC, Rio Grande do Sul, 2015. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/5993/2/468444%20-%20Texto%20Completo.pdf>>. Acesso em: 11 fev. 2021.

SPADARO, Antonio. *Ciberteologia: pensar o cristianismo nos tempos da rede*. São Paulo: Paulinas, 2012.

TAPSCOTT, Don. *A hora da geração digital*. Rio de Janeiro: Agir, 2010.

“Vejam como não se amam!”: intolerância intracatólica e antievangelização em rede

O fenômeno da intolerância em rede vem desafiando a reflexão e a ação social em vários âmbitos. A Igreja não fica isenta disso. Neste artigo, aborda-se primeiramente o fenômeno do ódio digital em geral, com base na ação dos chamados “haters”. Em seguida, são enfocados especificamente o ódio digital intracatólico e a prática da “excomunicação”. Por fim, à luz do magistério do papa Francisco, sustenta-se que a comunicação contemporânea convoca os cristãos e cristãs para uma demonstração concreta e encarnada de amizade e diálogo sociais, bem como de santidade em rede, reconhecendo que, por trás das telas mediante as quais nos comunicamos hoje, está nosso “próximo”, cuja dignidade deve ser respeitada e defendida.





*Moisés Sbardelotto é jornalista e doutor em Ciências da Comunicação. Membro do Grupo de Reflexão sobre Comunicação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e colaborador do Instituto Humanitas Unisinos (IHU). Seu livro mais recente é *Comunicar a fé: Por quê? Para quê? Com quem?* (Ed. Vozes, 2020). E-mail: m.sbar@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

“Diga-me com quem andas e te direi se vou te odiar.” Hoje, nos contatos por meio da internet, toda opinião é passível de outra opinião, em sentido frontal e agressivamente contrário. Não basta gostar ou desgostar de algo: é preciso também desgostar daqueles que gostam daquilo de que não gosto. A raiva e o rancor se digitalizam e permeiam *sites* e redes sociais digitais mediante expressões de intolerância, indiferença, desinformação, negacionismo, difamação, discriminação, preconceito, xenofobia. O ódio, assim, ganha forma de *bits* e *pixels*, principalmente pela ação dos chamados *haters*, os odiadores, aqueles que amam odiar.

Tal situação faz parte de um fenômeno mais amplo e recente, caracterizado pela difusão de desinformação e má informação, como as chamadas *fake news*. Essa “poluição de informações em escala global” gera verdadeira “desordem informacional” (WARDLE; DERAKHSHAN, 2018). Nesse contexto, atos de violência simbólica e discursos de ódio abundam nas plataformas digitais. O fenômeno da intolerância em rede desafia a reflexão e a ação social em vários âmbitos. A Igreja não fica isenta disso.



“DE MODO GERAL, O ÓDIO É EXPRESSÃO HUMANA QUE REMONTA AOS SÉCULOS E NÃO ESTÁ RESTRITO A UMA CULTURA OU LUGAR ESPECÍFICOS”

As interações em rede entre pessoas que se identificam publicamente como católicas evidenciam um panorama semelhante. A intolerância intracatólica se manifesta na comunicação de opiniões agressivas, repressivas ou violentas contra o diferente e a diferença *no interior do próprio catolicismo*. Desse modo, a pessoa que está do outro lado da tela já não é um “irmão ou irmã na fé”, mas apenas alguém sobre o qual se descarrega todo o próprio ódio pessoal, camuflado de defesa da tradição, da doutrina e da liturgia, com citações artificialmente pinçadas da Bíblia e do Catecismo.

Nada nem ninguém estaria acima desse “tribunal da Santa Inquisição digital”. Nem mesmo o papa ou a hierarquia eclesiástica – por exemplo, bispos individuais ou a própria Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Basta circular pelas redes para verificar a frequência com que tais autoridades são censuradas publicamente como “hereges” (ou coisas piores) em comentários públicos e também em vídeos dos chamados “*youtubers* católicos”, que se erigem em “grandes guardiões da verdade [...]”, novos mestres do saber da fé, criando novas sumas e tratados [...], criando para si e em torno a si novos oráculos da revelação” (KUZMA, 2019).

Em uma era pré-digital, o papa São João Paulo II (1980) já falava dos riscos das “várias formas de *antievangelização*”. Atualizando sua reflexão para estes tempos de redes sociais digitais, fica ainda mais evidente que, ao observarmos o modo como católicos e católicas às vezes se relacionam em rede, “passados dois mil anos de cristianismo, o Evangelho do Senhor está bem longe de ser conhecido” (PAPA JOÃO PAULO II, 1980). Trata-se de algo tão contrário ao testemunho, que o

papa Francisco se propôs refletir sobre o fenômeno em importantes documentos do seu magistério pontifício. Na sua carta encíclica *Fratelli Tutti*, ao falar das “redes de violência verbal através da internet”, alimentada também por pessoas cristãs e católicas, o papa questiona: “Agindo assim, qual contribuição se dá para a fraternidade que o Pai comum nos propõe?” (FT 46).

Neste artigo, abordaremos primeiramente o fenômeno do ódio digital em geral, com base na ação dos chamados *haters*. Em seguida, focaremos especificamente o ódio digital intracatólico e a prática da “excomunicação”. Por fim, à luz do magistério do papa Francisco, sustentaremos que a comunicação contemporânea convoca os cristãos e cristãs para uma demonstração concreta e encarnada de amizade e diálogo sociais e, principalmente, de santidade em rede, reconhecendo que, por trás das telas, estão pessoas humanas, estão nossos “irmãos e irmãs”, está nosso “próximo”, cuja dignidade deve ser respeitada e defendida.

1. Ódio digital: a ação dos *haters*

Por que uma pessoa odeia? A psicologia nos oferece inúmeras explicações, sob as mais variadas lentes de leitura. Em geral, trata-se da canalização, para outra pessoa, de raivas, rancores, remorsos, desprazeres, frustrações pessoais (alienação). “O eu odeia, abomina e persegue, com intenção de destruir, todos os objetos que constituem uma fonte de sensação desagradável para ele, sem levar em conta que significam uma frustração [...] da satisfação das necessidades de autopreservação” (FREUD, 1980[1915], p. 160).

De modo geral, o ódio é expressão humana que remonta aos séculos e não está

restrito a uma cultura ou lugar específicos. Todos podem odiar, com meios e em graus diferentes. Entretanto, “as razões atribuídas ao ódio nada mais são do que circunstâncias favoráveis, simples ocasiões, raramente ausentes, de *liberar a vontade de simplesmente destruir*” (GLUCKSMANN, 2007, p. 11, grifo nosso). Isso também vale na internet: “A busca pela disseminação do ódio pode estar associada a certo gozo usufruído pelo *hater* pelo excesso de prazer que é possível de lhe causar [...], visando unicamente o prazer do ‘odador’ pela destruição psicológica causada ao outro” (REBS; ERNST, 2017, p. 29-30).

O *hater*, contudo, difere da pessoa comum que manifesta seu ódio fora das redes. Podemos dizer, em síntese, que o diferencial do “odador digital” é o *alcance* do seu ódio e a *velocidade* em que este se dissemina – e, com isso, o dano, o estrago, a infelicidade que ele causa. “A agressividade social encontra um espaço de *ampliação incomparável* nos dispositivos móveis e nos computadores” (FT 44, grifo nosso). Hoje, em um período de “revolução digital”, o ódio digitalizado se torna ubíquo, presente em toda parte e disponível a qualquer momento.

Se antes o ódio se restringia ao contato pessoal e aos pequenos círculos, um “odador digital” pode expressar seu ódio com o auxílio de poderoso aparato de comunicação – que é também muito acessível e de fácil utilização, além de caber no bolso –, conferindo-lhe uma dimensão social muito maior. É o próprio *hater* quem controla a transformação do seu ódio privado em ódio público, com um clicar de botões. Ademais, atualmente é possível não apenas odiar, mas também *conectar os vários ódios*, mediante a conexão digital sem fronteiras entre vários odiadores, que “comungam” de um mesmo ressentimento e atacam seus alvos por meio de verdadeiro “efeito-enxame” em rede (HAN, 2018).

Fé e razão no mundo da tecnociência

Urbano Zilles



120 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A obra aborda as relações existentes entre a teologia, a filosofia e as ciências, buscando reconhecer os limites da razão na vida humana. O livro parte da Grécia Antiga; trata das características das ciências particulares e das condições de seu surgimento; reflete sobre a crítica moderna da religião e suas consequências para o cristianismo; tudo isso para mostrar como a fé não só pode, mas deve encontrar meios para sua existência em nosso mundo marcado pela tecnociência.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

No fundo, o ódio é uma forma de desprezo e descarte: o “outro” a quem odeio não me importa, me é indiferente, ou só me importa como “bode expiatório” dos meus próprios ressentimentos. A internet, assim, torna-se campo fértil para o crescimento de uma “cultura do descarte” digital, para usar a expressão do papa Francisco (EG 53). Na *Fratelli Tutti*, o papa afirma que tais ações visam a “*destróçar a figura do outro*, num desregramento tal, que, se existisse no contato pessoal, *acabariamos todos por nos destruir entre nós*” (FT 44, grifo nosso). Essa comunicação mata!

A circulação do ódio ocorre de forma imprevisível e – o mais preocupante – irreversível. Com isso, o ódio adquire maior força simbólica na cultura, afetando também o campo religioso, mais especificamente o *intracatólico*.

2. Ódio digital intracatólico: excomunicação entre “irmãos e irmãs na fé”

Como aponta Massimo Faggioli (2017), nesta “era da raiva”, vem emergindo, particularmente no ambiente digital, “um novo tipo de censura que usa a violência verbal para intimidar os católicos individuais, assim como as instituições dentro da Igreja”. Os sujeitos de tais práticas formam aquilo que o autor chama de “cibermilícias católicas [...], propagandistas verbalmente violentos das mídias sociais católicas”, dada sua militância venenosa em prejuízo da comunhão eclesial. O principal risco disso é o surgimento de uma eclesiologia que “humilha a Igreja, incluindo suas lideranças institucionais, que parecem impotentes perante a pressão social midiática” (FAGGIOLI, 2017).

No Brasil, as pessoas que dinamizam esse fenômeno intracatólico ganharam também

a definição de “catolibãs”, ou seja, católicos-talibãs, que atuam com base na violência simbólica (mas nem por isso menos preocupante e hedionda). Pregam a exclusão de tudo o que seja “catolicamente diferente” e de todos os “catolicamente outros”. Para tais extremistas, existiria apenas um único catolicismo, puro, cristalino, são e verdadeiro, sem nuances, bem delimitado e definido – pelos seus próprios esquemas e padrões mentais ou por documentos da Igreja de séculos passados.

A “autoridade digital” desses católicos fundamentalistas não vem do saber teológico (academia) nem do poder eclesiástico (hierarquia), mas de um saber-fazer e de um poder-fazer midiáticos. Trata-se de pessoas muitas vezes sem qualquer relevância ou reconhecimento acadêmicos ou eclesiásticos que, porém, captaram muito bem as lógicas das mídias digitais, dominando suas linguagens (saber-fazer) e ocupando espaços comunicacionais não raro negligenciados pela própria Igreja (poder-fazer). Assim, vão conquistando visibilidade e autoridade sociais e até mesmo eclesiais, atuando em rede como “inquisidores digitais”.

Diante da crescente explicitação de tais problemáticas comunicacionais antes menos evidentes, a Igreja precisou atentar para os limites da comunicação em rede. Em geral, a abordagem eclesiástica voltava-se a um fenômeno considerado como *externo* à Igreja, operado apenas por agentes não eclesiais (como os profissionais das mídias) e que investia *contra ela, de fora para dentro*.

Foi o papa Francisco quem inovou ao acompanhar os desdobramentos desse processo. Segundo ele, não se trata de um fenômeno apenas “extrarreligioso” em relação à Igreja católica, mas principalmente

“A CIRCULAÇÃO DO ÓDIO OCORRE DE FORMA IMPREVISÍVEL E – O MAIS PREOCUPANTE – IRREVERSÍVEL”



“intrarreligioso”, isto é, de ódio instigado e disseminado *entre os próprios católicos, dentro do próprio catolicismo*:

Pode acontecer também que os cristãos façam parte de redes de violência verbal através da internet e de vários fóruns ou espaços de intercâmbio digital. Mesmo nas mídias católicas, é possível ultrapassar os limites, tolerando-se a difamação e a calúnia e parecendo excluir qualquer ética e respeito pela fama alheia. Gera-se, assim, um dualismo perigoso, porque, nestas redes, dizem-se coisas que não seriam toleráveis na vida pública e procura-se compensar as próprias insatisfações descarregando furiosamente os desejos de vingança. É impressionante como, às vezes, pretendendo defender outros mandamentos, se ignora completamente o oitavo: “Não levantar falsos testemunhos” e destrói-se sem piedade a imagem alheia. Nisto se manifesta como a língua descontrolada “é um mundo de iniquidade; (...) e, inflamada pelo Inferno, incendeia o curso da nossa existência” (Tg 3,6) (GE 115, grifo nosso).

Trata-se de um reconhecimento crítico de grande relevância e, ao mesmo tempo, sem precedentes, ao explicitar o contrates-temunho e a antievangelização gerados pela intolerância intracatólica. De acordo com o papa, com a difusão de tais atitudes, as redes sociais digitais frequentemente se tornam “um lugar de inimizade, onde se litiga por todo lado, onde há ódio em toda parte, onde constantemente classificamos os outros [...], o reino do orgulho e da vaidade, onde cada um se julga no direito de elevar-se acima dos outros” (GE 71).

Esse “inferno em rede” leva à propagação de uma Igreja paralela digital, que não condiz nem com os tempos (para tais católicos, só vale aquilo que veio antes do Concílio Vaticano II) nem com os lugares (segundo tais grupos,

qualquer tentativa de inculturação da fé em expressões não europeias, populares ou periféricas é inconcebível) nem com as pessoas (do ponto de vista desses autodenominados “católicos”, Francisco é um “antipapa” e os bispos brasileiros, simplesmente, “300 picaretas”).

Desse modo, esses católicos se manifestam como verdadeiros *e-reges*, hereges da era digital. Fazem uma “livre escolha” (em grego: *hairesis*) de aspectos do catolicismo que mais lhes agradam (mesmo que ultrapassados ou até fictícios) e das pessoas mais aptas, segundo eles, para comungar desse pseudocatolicismo. Tudo e todos que não estão de acordo com sua visão de Igreja-seita devem ser excluídos.

Tal exclusão, geralmente agressiva e violenta, é comunicada em rede como uma excomunhão (do latim *excommunicatio*) dos supostos “hereges”, ou seja, de todos aqueles que se desviam desse imaginário eclesial distorcido. Para isso, opera-se uma *excomunicação*, uma comunicação de que a comunicação alheia (do papa, dos bispos, dos demais católicos) deve cessar ou não deveria nem existir. Trata-se de comunicação voltada ao silenciamento ou ao aniquilamento de outra comunicação, para que o discurso próprio se torne único e dominante (SBARDELOTTO, 2020).

Excomunicando seus próprios irmãos na fé, tais católicos vão corroendo a comunhão eclesial. Na verdade, ao agirem comunicacionalmente como não cristãos, de forma antievangélica, são essas pessoas que se auto-excluem da comunhão eclesial. *Excomunicando, excomungam-se*.

3. Concluindo para começar: a busca da “amizade social” e da “santidade digital”

Tertuliano, escritor eclesiástico do primeiro século da Igreja, testemunhava que os primeiros cristãos e cristãs viviam tão concretamente o “novo mandamento” de Jesus em seu modo de vida e de relação, que os pagãos exclamavam, admirados: “Vejam



"A PESSOA SANTA É AQUELA QUE AGE, REAGE E INTERAGE EM REDE MOVIDA PELO AMOR"

como se amam!" Dois milênios depois, o que é preciso fazer para que essa frase possa voltar a ser dita também em relação ao modo como católicos e católicas se relacionam em rede? Como dar um testemunho semelhante na cultura digital, em sentido contrário à intolerância intracatólica e à antievangelização?

O papa Francisco propõe algumas possíveis respostas, especialmente em dois de seus documentos: na *Fratelli Tutti*, a proposta da amizade e do diálogo sociais; já na *Gaudete et Exsultate*, o chamado à santidade, também em rede.

Para Francisco, a amizade social "não exclui ninguém" (FT 94) e está diretamente ligada àquilo que ele chama de "diálogo social". "Para nos encontrar e ajudar mutuamente, precisamos dialogar" (FT 198). O diálogo, contudo, não é sinônimo de "troca febril de opiniões nas redes sociais", geralmente marcada por "tom alto e agressivo" (FT 200). Pelo contrário, o diálogo é uma opção comunicacional "entre a indiferença egoísta e o protesto violento" e age "de forma discreta" (FT 198-199). Tem em vista o bem comum e o reconhecimento das "diversas riquezas culturais", e não os "próprios interesses ideológicos" nem as próprias "conveniências pessoais" (FT 199-202).

Dialogar, portanto, pressupõe "a capacidade de respeitar o ponto de vista do outro" e ainda de "entender o sentido daquilo que o outro diz e faz, embora não se possa assumi-lo como uma convicção própria" (FT 203). Para isso, é preciso "cultivar a busca da verdade", acima de tudo a "verdade da dignidade humana" (FT 207). Segundo Francisco, podemos aprender alguma coisa com todos e todas: "Ninguém é inútil, ninguém é supérfluo" (FT 215).

A construção da "comunhão universal" envolve uma *comunicação universal*, que busca o "encontro com o mistério sagrado do

outro" (FT 277). "Isso implica o hábito de reconhecer, ao outro, o *direito de ser ele próprio e de ser diferente*" (FT 218, grifo nosso). Comunicar, portanto, é *harmonizar diferenças*.

Uma comunicação harmoniosamente amigável e dialogante consegue "criar aquela convivência sadia que vence as incompreensões e evita os conflitos" e "abre caminhos onde a exasperação destrói todas as pontes" (FT 224). Para tanto, não são necessários "recursos profissionais e midiáticos" (FT 216). Trata-se de trabalho artesanal, praticado pelos "artesãos de paz" (FT 225), cujo fruto é a "paz social" (FT 217).

Tudo isso está ligado ao *chamado à santidade* que o papa Francisco aprofunda em sua exortação apostólica *Gaudete et Exsultate*. Em suas palavras, "a santidade nada mais não é do que a caridade plenamente vivida" (GE 21), também em rede. "Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, *onde cada um se encontra*" (GE 14, grifo nosso). Esse "onde" certamente envolve também o ambiente digital e as diversas presenças em rede.

Diante da intolerância intracatólica, a "santidade digital" se expressa principalmente como *mansidão*. Como resposta às contrariedades e agressões dos outros, o papa Francisco convida a "permanecer centrado, firme em Deus que ama e sustenta. [...] 'Se Deus está por nós, quem pode estar contra nós?'" (GE 112). Essa firmeza interior "*impede de nos deixarmos arrastar pela violência que invade a vida social*, porque a graça aplaca a vaidade e torna possível a mansidão do coração" (GE 116, grifo nosso). Também em rede, "o santo não gasta suas energias a lamentar-se dos erros alheios" e "evita a violência verbal que destrói e maltrata" (GE 116). "Reagir com humilde mansidão: isto é santidade" (GE 74).

Em suma, a pessoa santa é aquela que age, reage e interage em rede movida pelo *amor*. Já disse Jesus: “Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35). Diante do aumento da agressividade, Francisco também convida ao “cultivo da amabilidade”, que é “um estado de ânimo não áspero, rude, duro, mas benigno, suave, que sustenta e conforta” (FT 223). Isso significa “dizer palavras de incentivo, que reconfortam, consolam,

fortalecem, estimulam, em vez de palavras que humilham, angustiam, irritam, desprezam” (FT 223).

A amizade e o diálogo sociais, inspirados na mansidão e no amor cristãos, favorecem reconhecer, do outro lado da tela, “um ser humano com a mesma dignidade que eu, uma criatura infinitamente amada pelo Pai, uma imagem de Deus, um irmão redimido por Jesus Cristo. Isto é ser cristão!” (GE 98) – também e principalmente nas relações em rede. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FAGGIOLI, Massimo. Cibermilícias católicas e as novas censuras. *IHU On-Line*, 19 set. 2017. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/571820>>. Acesso em: 15 jan. 2021.
- FREUD, Sigmund. Pulsão e seus destinos. In: _____. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1980[1915]. v. 14.
- GLUCKSMANN, André. *O discurso do ódio*. Rio de Janeiro: Difel, 2007.
- HAN, Byung-Chul. *No enxame*: perspectivas do digital. Petrópolis: Vozes, 2018.
- KUZMA, Cesar. Youtubers ou inquisidores, profetismo ou difamação: desafios para a evangelização no universo cultural nas redes sociais. *IHU On-Line*, 25 jan. 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/586308>>. Acesso em: 15 jan. 2021.
- PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*: Exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual (EG), 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/FCZf87>>. Acesso em: 15 jan. 2021.
- _____. *Gaudete et Exsultate*: Exortação Apostólica sobre o chamado à santidade no mundo atual (GE), 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2Hns382>>. Acesso em: 15 jan. 2021.
- _____. *Fratelli Tutti*: Carta Encíclica sobre a fraternidade e a amizade social (FT), 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3oOiCTQ>>. Acesso em: 15 jan. 2021.
- PAPA JOÃO PAULO II. A Igreja encarna-se na missão e plasma o homem novo. Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 1980. *Vatican.va*, 25 maio 1980. Disponível em: <<https://bit.ly/3ikd68Y>>. Acesso em: 15 jan. 2021.
- REBS, Rebeca R.; ERNST, Aracy. Haters e o discurso de ódio: entendendo a violência em sites de redes sociais. *Diálogo das Letras*, v. 6, n. 2, p. 24-44, jul./dez. 2017. Disponível em: <<https://bit.ly/3bGyRPa>>. Acesso em: 15 jan. 2021.
- SBARDELOTTO, Moisés. Excomunicação: novos modos de intolerância intrarreligiosa em tempos de mediatização digital. In: CUNHA, M. N.; STORTO, L. J. (Org.). *Comunicação, linguagens e religiões*: tendências e perspectivas na pesquisa. Londrina: Syntagma, 2020. p. 151-180.
- WARDLE, Claire; DERA KHSHAN, Hossein. *Information disorder*: toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Council of Europe Report, DGI(2017)09. 2. ed. Strasbourg: Council of Europe, 2018. Disponível em: <<https://bit.ly/2GMRrUE>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

Ecclesia digitalis

Viver e testemunhar
Cristo e o seu Evangelho
no ambiente digital!



PAULUS

Coleção *Ecclesia digitalis*

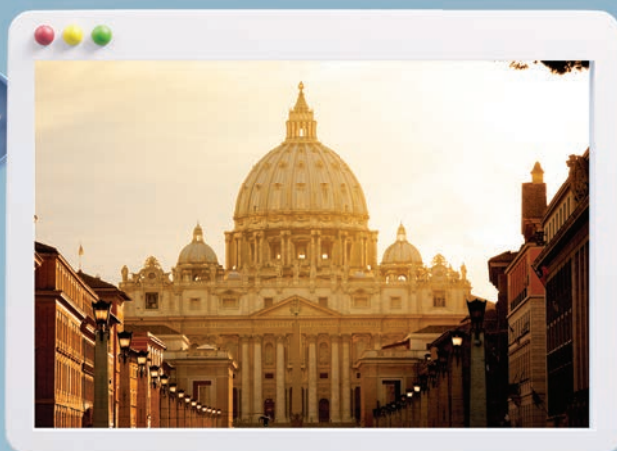
Ecclesia é o termo grego que está na origem da palavra “Igreja” e significa “assembleia reunida”, evocando a (re)união do povo chamado ou escolhido. *Digitalis* é o adjetivo relativo aos dedos e à sequência numérica (dez dedos), adotado posteriormente para exprimir o código binário que originou uma verdadeira revolução técnica e social, transformando a mentalidade, o estilo de vida e o modo de fazer e pensar todas as coisas, inclusive o ser Igreja. Imersos nesse ambiente híbrido gerado pela linguagem digital, é essencial delinear uma pastoral *on-line* que responda às exigências da nova humanidade. A presente coleção nasce exatamente com esse intuito, procurando oferecer sugestões e subsídios pastorais (especialmente no âmbito da Pastoral da Comunicação) que favoreçam a vivência da fé e a adaptação da vida eclesial na cultura da comunicação e no ambiente digital. *Ecclesia digitalis* surge para indicar percursos e para auxiliar a “assembleia reunida no ambiente digital” – em contínua interação com a realidade material e analógica, e com a realidade virtual e interativa – a viver e testemunhar Cristo e o seu Evangelho de forma sempre mais intensa e significativa.



ESPERANÇAR

A missão do agente da Pastoral da Comunicação

O ano de 2020 foi um divisor de águas para a humanidade, e mais ainda para a comunicação eclesial e pastoral. De forma inesperada, foi necessário reinventar as práticas comunicacionais em todas as instâncias da Igreja para responder aos desafios impostos pela pandemia do novo coronavírus. Isso resultou em quarentena, isolamento social, celebrações com participação remota do povo, cancelamento de eventos. Este livro é fruto de uma reflexão sobre a situação dramática vivenciada por todos durante a pandemia. Ele apresenta meios para discernir que “esperançar”, isto é, ter e fomentar esperança, é missão de todo cristão, mas é também, por excelência, a missão do agente da Pastoral da Comunicação. O itinerário da esperança que se propõe é descrito a partir da dinâmica da “sede” e da “fonte”. Como ponto de partida, a afirmação “Tenho sede” quer expressar a necessidade humana de comunicar. E a declaração “Tu és a Fonte” é a resposta para a sede de Deus. O objetivo deste livro é dar impulso aos agentes da Pastoral da Comunicação em sua vivência da espiritualidade como base para sua atuação na Igreja.



COMUNICAR O EVANGELHO

Panorama histórico do magistério da Igreja sobre a comunicação

Desde sua origem, a Igreja usou todos os meios disponíveis para cumprir sua missão de comunicar o Evangelho, de dar Jesus ao mundo. Os discípulos aceitaram a missão e saíram mundo afora para pregar, formando comunidades e comunicando-se pelos diversos meios disponíveis naquela época. Este livro trabalha com as grandes linhas temáticas que orientaram o magistério da Igreja em relação à comunicação, expondo comportamentos e mentalidades que caracterizaram a ação pastoral da Igreja no mundo da comunicação ao longo de seus quase dois milênios de história. Para tal, além de diversos elementos da práxis pastoral e missionária, procura percorrer os documentos mais significativos em diversos âmbitos e períodos, sobretudo os documentos pontifícios. Por fim, você encontrará ainda uma extensa lista de sugestões de *sites*, livros e documentos com os quais poderá aprofundar os assuntos que julgar mais importantes e necessários para sua ação pastoral.



CATEQUESE DIGITAL

Por onde começar?

Este estudo é voltado aos catequistas e a todos aqueles que fazem um trabalho heroico, tentando educar na fé crianças, jovens e adultos neste tempo tão singular. Para se relacionar com uma pessoa ou mesmo evangelizá-la, é preciso antes conhecê-la. Em nossa evangelização, queremos muito falar e pouco escutar. Achamos que estamos prestando um grande serviço a Deus quando despejamos doutrinas e mandamentos em cima de um jovem. Este livro é um convite a adentrar na cultura digital, conhecê-la e experimentá-la, à luz dos sinais dos tempos. Apresenta uma nova forma de refletir sobre a fé nesta época marcada pelas redes, chamada ciberteologia, demonstrando a evolução do pensamento da Igreja sobre a comunicação digital. Apresenta ainda as qualidades e os defeitos que marcam a geração digital, além do contexto multicultural em que está inserida, para que ela seja mais bem compreendida, acolhida e amada. Aborda também as novas dinâmicas de pecado e graça na internet e como isso afeta nossa espiritualidade, relações e vivência da fé. Demonstra, por fim, a diferença entre "catequese na era digital" e "catequese digital".



A ESPERANÇA COMO PERSPECTIVA PASTORAL PARA A COMUNICAÇÃO



A pandemia deu visibilidade ao trabalho desenvolvido pela pastoral da comunicação e à necessidade de tê-la articulada às realidades eclesiais. O comunicador cristão, pela sua ação, torna-se um mantenedor da esperança, especialmente diante de cenários de instabilidade.

*Marcus Tullius é licenciado em Filosofia, bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda, pós-graduando em Influência Digital: Conteúdo e Estratégia. Coordenador geral da Pascom Brasil, membro do Grupo de Reflexão em Comunicação da CNBB e coordenador de conteúdos da TV Pai Eterno. E-mail: soumarcustullius@gmail.com

INTRODUÇÃO

A pandemia da Covid-19 escancarou as mazelas de sociedades marcadas por chagas as mais diversas e, em contrapartida, abriu oportunidades para a comunicação possibilitar a sobrevivência da humanidade em meio ao caos. A pastoral da comunicação foi – e está sendo – heroica na missão de promover a cultura do encontro e manter acesa a chama da esperança, especialmente nas estradas digitais.

O chamado e esperado “novo normal” só será novo, de fato, se soubermos ressignificar a prática pastoral à luz da Palavra de Deus, do magistério da Igreja e do olhar atento às realidades que nos cercam – *off-line* e *on-line*.

1. A PARTIR DE UMA PANDEMIA

Aprendemos, desde crianças, que de tudo devemos tirar uma lição. Mesmo quando o caminho percorrido não é o que escolhemos, dali devemos extrair ensinamentos e sair melhor como humanidade. A pandemia está durando mais tempo do que o esperado e, talvez, ainda será insuficiente para nos fazer mudar de vida. Não é possível que tantas vidas perdidas, tantos erros cometidos, não nos façam olhar o mundo de uma maneira diferente. Em face disso, perguntamos: que lições podemos tirar da pandemia para a vida e para a comunicação?

O centenário filósofo francês Edgar Morin recorda que houve muitas pandemias na história, mas a novidade radical da Covid-19 está no fato de dar origem a uma “megacrise feita da combinação de crises políticas, econômicas, sociais, ecológicas, nacionais, planetárias, que se sustentam mutuamente com componentes, interações e indeterminações múltiplas e interligadas, ou seja, complexas” (MORIN, 2020, p. 21). Das 15 lições elencadas por Morin nessa obra, pelo menos cinco dizem muito da nossa forma de olhar o mundo enquanto sujeitos eclesiais:

1. Sobre nossa existência: diante do consumismo desenfreado, “a experiência do isolamento precisa abrir nossos olhos para a existência daqueles que o suportam na penúria e na pobreza” (idem, p. 23);
2. Sobre nossa condição humana: fomos dominando a criação e, com isso, “nossa fragilidade estava esquecida; nossa precariedade, ocultada” (idem, p. 23);
3. Sobre nossa civilização: muitos já convivem com essa realidade diariamente, mas, para uma parcela, “as injunções do isolamento reduziram nossas compras ao indispensável, mostrando-nos que muita coisa supérflua nos parecia necessária” (idem, p. 28);
4. Sobre o despertar da solidariedade: mesmo diante de catástrofes, “vimos a lição, ainda que simbólica, da solidariedade nacional” (idem, p. 28);
5. Sobre a desigualdade: “o isolamento serviu de lente de aumento para as desigualdades sociais” (idem, p. 29).

Com base nesse recorte da realidade, podemos recolher alguns elementos que nos ajudarão a refletir sobre a importância da comunicação e sua perspectiva pastoral.

2. SEDE DE ESPERANÇA

Sempre fomos acostumados a contemplar a sede como privação, como algo negativo e, por vezes, até como um castigo. Em situações de elevada temperatura, em regiões de duras secas, não há nada mais reconfortador do que receber um copo de água fresca; não há nada mais salvador do que saciar a necessidade fisiológica do organismo. Não é dessa sede, porém, que quero tratar no início deste texto. Chamo a atenção para a sede de esperança, aquela que deve habitar o mais profundo do coração humano e nunca pode faltar ao comunicador. A sede que a pandemia também veio intensificar no coração humano.



**“PARA VIVER A ESPIRITUALIDADE,
É PRECISO TER SEDE. O AGENTE DA PASTORAL
DA COMUNICAÇÃO DEVE TER A CONSCIÊNCIA
DA NECESSIDADE DE INTIMIDADE COM DEUS”**

O comunicador deve viver com sede, para sempre ter o desejo de se saciar. Ele deve dizer com o salmista, no Salmo 62,2: “Ó Deus, tu és o meu Deus, ansiosamente te procuro. Minha alma tem sede de ti. Por ti desfalece a minha carne, como terra seca e exausta, sem água”. A imagem da secura do deserto estimula a pensar que sem Deus não existe a verdadeira vida; que sem Deus não se comunica a verdadeira vida. Assim como Davi, que deseja uma experiência mais profunda com Deus, quem se propõe comunicar deve ter esse mesmo ideal. Avançando no referido salmo, no versículo 5, temos a seguinte proclamação: “Sim, vou te bendizer enquanto eu viver e, em teu nome, levantarei as mãos”. É a alegria daquele que conhece a Deus e o louva pela vida toda. É o louvor do sedento!

Comunicar é uma necessidade humana. Por meio de diversos sinais – sons, imagens, textos, gestos, silêncio e outros mais –, o ser humano delimita seu ser-estar no mundo. Qual sede deve ter o comunicador? Antes da sede de comunicar, da ânsia de produzir e transmitir, ele deve ter sede de Deus, sede de rezar, sede de se formar, sede de servir, sede de saciar, sede da sede.

Sobre a sede e a fonte que a sacia, reflito um pouco mais no livro *Esperançar: a missão do agente da pastoral da comunicação*, publicado pela Editora Paulus na coleção Ecclesia Digitalis. Ali, discorro sobre minha experiência pessoal com a leitura e as pregações do cardeal José Tolentino Mendonça, arquivista e bibliotecário da Santa Sé, em *O elogio da sede*. O cardeal madeirense afirma que a fé não resolve nossa sede, mas dilata nosso desejo de Deus, para intensificar

nossa busca (TOLENTINO, 2018). A sede é plena de esperança. Já que “a esperança não decepciona” (Rm 5,5), ela pode dar sentido à sede. Só a esperança pode dar sentido à sede e nos inserir na dinâmica própria do Espírito!

3. NÃO HÁ COMUNICAÇÃO REAL SEM A PRESENÇA DO ESPÍRITO

Muitas pessoas e grupos começam suas atividades eclesiais no fazer. Na cultura popular, encontramos o ditado que diz que a necessidade faz o sapo pular. De fato, a pandemia fez diversas comunidades eclesiais sentir a necessidade da pastoral da comunicação. Grande número de pessoas, até de maneira improvisada, começou a fazer transmissões de missas, criar *posts* para as mídias sociais e se envolver nas circunstâncias impostas pela pandemia. Que proveito, porém, podemos extrair dessa situação? Não podemos ficar eternamente no improviso e no amadorismo e absortos na lógica do fazer. É aqui que surge um alerta!

Na pressa do fazer e na ânsia de produzir, há o risco de negligenciar a dimensão espiritual, ainda mais necessária aos nossos dias. As atuais *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil* sustentam que é preciso superar a ideia de que o fazer já é uma forma de oração. Esse é um desafio a ser vencido por todas as pastorais e movimentos, mas mais particularmente pela pastoral da comunicação, ante os perigos do encantamento com a técnica, com as plataformas e com as múltiplas possibilidades oferecidas pela comunicação digital. Esse fascínio pode

levar facilmente à tentação do ativismo. O problema, apontam as *Diretrizes*, é que “os agentes de pastoral correm o risco de se esquecer da dignidade batismal, como verdadeiros sujeitos eclesiais, reduzindo-se a meros voluntários” (CNBB, 2019, p. 55).

É sempre necessário recordar que somos discípulos-missionários, não apenas operadores de máquinas. Para operar um equipamento, tirar uma foto, fazer uma *live*, escrever um texto... enfim, para realizar qualquer atividade comunicativa, é preciso estar imbuído do Espírito, a fim de que a ação leve a um testemunho. O *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil* afirma que “o anúncio sempre deve ser acompanhado pelo testemunho” (CNBB, 2014, p. 161). Ora, o testemunho que o comunicador deve oferecer à sua comunidade parte de um encontro pessoal com a Pessoa de Jesus Cristo, encontro renovado diariamente no exercício de seu ministério.

Não é à toa que a espiritualidade é um dos eixos da pastoral da comunicação. Ela dá sentido aos demais (formação, produção e articulação), constitui o alicerce (CNBB, 2014, p. 164). Para viver a espiritualidade, é preciso ter sede. O agente da pastoral da comunicação deve ter a consciência da necessidade de intimidade com Deus, de um encontro pessoal com o Criador, para criar raízes “na verdadeira e inesgotável fonte de onde emana o sentido profundo dessa mensagem comunicativa”. A comunicação, portanto, torna-se experiência de graça, porque “o ser humano tem a possibilidade de fazer certa experiência do Absoluto que o transcende” (CNBB, 2014, p. 45)

4. “QUEM COMUNICA SE FAZ PRÓXIMO”

Um dos grandes desafios impostos pela pandemia foi o isolamento social. Especialmente aqui no Brasil, com uma cultura marcada por abraços e apertos de mão, por aglomerações tão naturais nos encontros

Idolatria do dinheiro e Direitos Humanos

Uma crítica teológica do novo mito do capitalismo

Jung Mo Sung



256 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

O livro traz uma análise do presente sob o aspecto da economia neoliberal, mas, ao mesmo tempo, sendo o autor teólogo, toda a análise é norteadada pelo pensamento teológico, sob o prisma da chamada teologia da libertação. O autor mostra que, com a idolatria do dinheiro, milhões de pessoas são deixadas à margem da cidadania, levadas à exclusão social dos que não têm emprego. Diante desse cenário, a obra aponta a importância de que a Igreja seja “pobre e para os pobres”.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

familiares, nas festas, nas igrejas. O isolamento, à primeira vista, é o calcanhar de aquiles da proximidade. Será que, depois desse tempo de privação, olharemos para o conceito de proximidade da mesma forma? Nossas comunidades físicas, com a presença corpórea das pessoas, terão a mesma dinâmica pastoral? Nossa comunidade presencial terá a mesma intensidade que a overdose de eventos e celebrações realizados de forma digital?

Na mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais, em 2014 – a primeira escrita por Francisco no seu pontificado, visto que a anterior fora elaborada pelo papa emérito Bento XVI –, já lançava luzes para encarar essa realidade: “como se manifesta a ‘proximidade’ no uso dos meios de comunicação e no novo ambiente criado pelas tecnologias digitais?” (PAPA FRANCISCO, 2014).

Sempre que releio tal mensagem, essa pergunta me provoca e me desloca. Primeiramente, pela perspectiva que Francisco lança, com base na parábola do samaritano, para uma comunicação eficaz ao nosso tempo: “Quem comunica se faz próximo”. Ainda gastaremos muitos caracteres e muitas *lives* para compreender a profundidade dessa simples frase. Em segundo lugar, pela inversão da lógica, proposta por Jesus e evocada por Francisco: “Não se trata de reconhecer o outro como um meu semelhante, mas da minha capacidade para me fazer semelhante ao outro”.

Chamo a atenção para o desafio da proximidade em tempos digitais, quando corremos o risco de nos tornarmos máquinas

por trás de máquinas. Cabe compreender que a proximidade deve ter lugar mesmo quando a distância geográfica é evidente. Na Palavra de Deus, fonte da comunicação e do comunicador, constatamos que as comunidades cristãs conseguiam viver a proximidade. Não obstante a distância geográfica, elas não estavam isoladas. Darlei Zanon aponta alguns laços que contribuem para manter as comunidades ligadas: “evangelização, solidariedade, formação, trabalho, ajuda etc.” (ZANON, 2018, p. 83).

A fim de compreender melhor o hoje e o amanhã, precisamos ter a ousadia de olhar para o ontem, para as primeiras comunidades, e encontrar nelas o impulso e o ardor missionário para viver a proximidade. Além disso, cabe-nos perceber algo muito simples: elas não contavam com o aparato que possuímos atualmente, mas deixavam-se possuir pela Palavra.

5. COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO PARA MANTER A ESPERANÇA

Talvez alguns cheguem a este ponto da leitura cansados de ouvir/ler sobre esperança. Ela deve ter sido uma das palavras positivas mais ditas e escritas durante a pandemia. Crentes e não crentes usaram-na sem moderação. Ela foi, e continuará a ser, conforto para os desanimados. No livro de minha autoria indicado neste artigo, dedico um capítulo aos *mantenedores da esperança*. Talvez tenha sido uma forma de homenagear os homens e mulheres dispostos a viver de esperança. Basta olharmos para uma vela e encontraremos o sentido. Quem vive sem

“NA PALAVRA DE DEUS, FONTE DA COMUNICAÇÃO E DO COMUNICADOR, CONSTATAMOS QUE AS COMUNIDADES CRISTÃS CONSEGUIAM VIVER A PROXIMIDADE”



esperança vai cruzar os braços e deixar que ela se apague. Já o mantenedor é alguém que está encantado com a vida, que não vai medir esforços, que fará todo o possível (e o impossível também) na luta por mantê-la acesa. Vejo os agentes da pastoral da comunicação como mantenedores da esperança, pois, mesmo quando a chama parece se esvaír, eles estão ali.

Sobre isso, é oportuno lembrar que a pastoral da comunicação não pode ser reduzida aos meios de comunicação. Novamente, à luz do *Diretório de Comunicação*, compreendemos que “ela é um elemento articulador da vida e das relações comunitárias. Ela favorece o cultivo do ser humano enquanto pessoa que comunica valores, vivenciados a partir da Palavra de Deus e da Eucaristia” (CNBB, 2014, p. 161).

O dístico “comunhão e participação”, eco da 3ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, realizada em Puebla no ano de 1979, apresenta as duas âncoras presentes no exercício de comunicar. Comunhão, por uma razão não somente etimológica, mas de natureza, e participação, não apenas por retórica, mas por necessidade.

Embora tenham se passado 40 anos da Conferência de Puebla, ainda seguimos buscando comunhão e participação – em outros meios, mas rumo ao mesmo fim. Neste tempo hiperconectado, é preciso tomar consciência dos riscos de fazer uma comunicação para privilegiados, apenas para os que têm acesso às tecnologias, e considerar que se esteja comunicando de maneira democrática. Ledo engano! O papa Francisco continuamente nos chama a atenção para a realidade das periferias, não apenas geográficas, mas também existenciais. Pode ser que haja muitas delas (quase invisíveis como o vírus) no território de sua comunidade eclesial. A comunicação é poderoso instrumento para gerar comunhão e garantir a participação de todos nos meios e processos.

Missão para todos

Introdução à missiologia

Pe. João Panazzolo



312 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A missiologia, elaboração sistemática da missão, é ainda jovem. O livro apresenta uma introdução a esses dois aspectos essenciais na vida da Igreja: missão e missiologia. Apresenta também uma breve visão dos principais documentos pontifícios missionários. O livro pretende ajudar os leitores a conhecer a caminhada da organização missionária da Igreja. Nessa nova edição revista e ampliada, o autor acrescenta a novidade missionária revelada a partir do Documento de Aparecida e do pontificado de Francisco.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

“O AGENTE DA PASTORAL DA COMUNICAÇÃO, NO ATO DE ESPERANÇAR, DEVE SER UM ALIMENTADOR DE GESTOS DE SOLIDARIEDADE E PARTILHA EXISTENTES EM SUA REALIDADE ECLESIAL”

6. PISTAS PARA UMA PASTORAL DA PROXIMIDADE E DA ESPERANÇA

Diante da reflexão apresentada, proponho algumas pistas para a vivência da pastoral da comunicação.

- *Buscar intimidade com a Palavra de Deus.* Com base na consciência do discipulado e da missão, o comunicador cristão deverá ser um mistagogo, deixando-se renovar continuamente pelo Espírito em busca da verdadeira intimidade com Deus. Há que ter cuidado para não ser algo puramente intimista, fugindo da dimensão comunitária, ou algo superficial. A intimidade alimenta-se no encontro contínuo com a Palavra e com a Eucaristia.

- *Reencantar-se pela escuta e pelo outro.* Atualmente, a dimensão mais perdida (e, ao mesmo tempo, mais essencial) da comunicação é a escuta. Buscamos constantemente aperfeiçoar a fala, em detrimento da escuta. Com isso, o outro vai sendo apequenado e reduzido a mais um. Na pastoral vivida no ambiente digital, também é preciso abrir-se à realidade da escuta. Mais do que oferecer respostas prontas aos algoritmos, é preciso oferecer ouvidos atentos, capazes de discernir os verdadeiros anseios das pessoas.

- *Ter consciência de ser uma pastoral transversal.* À medida que os eixos da pastoral da comunicação (formação, articulação, produção e espiritualidade) são vividos de maneira harmônica, dão sustentação às demais ações da comunidade, paróquia ou diocese. Perceber a integração e interligação dos eixos ajuda a promover uma pastoral mais fortalecida e também colabora, de maneira mais efetiva, para a pastoral orgânica, mediante a característica

da transversalidade. Essa característica deve ser muito bem assimilada pelos agentes, pois a pastoral da comunicação não encerra em si suas atividades; ela é a pastoral do serviço, existe para as demais atividades evangelizadoras.

- *Valorizar gestos de solidariedade e partilha.* O agente da pastoral da comunicação, no ato de esperar, deve ser um alimentador de gestos de solidariedade e partilha existentes em sua realidade eclesial. Para tanto, deve apoiar ações caritativas promovidas pelas pastorais sociais, conferindo ampla visibilidade ao exercício do Evangelho.

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). *Diretório de Comunicação da Igreja no Brasil*. Brasília: CNBB, 2014.

_____. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019–2023*. Brasília: CNBB, 2019.

MENDONÇA, José Tolentino. *Elogio da sede*. São Paulo: Paulinas, 2018.

MORIN, Edgar. *É hora de mudarmos de via: lições do coronavírus*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

PAPA FRANCISCO. *Mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais*, 1 jun. 2014. Disponível em: <http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html>. Acesso em: 17 jan. 2021.

ZANON, Darlei. *Igreja e sociedade em rede: impactos para uma cibereclesiologia*. São Paulo: Paulus, 2018.



ROTEIROS HOMILÉTICOS

Marcus Mareano*

SOLENIDADE DE SÃO PEDRO
E SÃO PAULO

4 de julho

A Igreja se constitui a partir das pessoas

I. INTRODUÇÃO GERAL

Celebrar a memória dos discípulos é recordar sua caminhada de fé e pensar no nosso processo de seguimento de Jesus. Os dois principais apóstolos da comunidade primitiva são recordados em uma solenidade que nos convida ao compromisso de fé e à missão.

Paulo se dedicou à missão entre os pagãos. Não conviveu com Jesus terreno nem fez parte dos primeiros seguidores da Galileia. Sua experiência de encontro com Cristo aconteceu no caminho de Damasco, conforme lemos em At 9,1-22. Paulo deixa de ser um perseguidor dos cristãos para se tornar um proclamador do Evangelho, provado nas tribulações decorrentes dessa causa e martirizado por testemunhar a fé em Jesus até o fim da vida.

Simão foi convidado para compor o grupo dos primeiros discípulos. Acostumado com o ofício de pescador no mar da Galileia, encanta-se com a pregação do andarilho galileu que por ali passava, anunciando uma

Boa-nova (Mc 1,16-20). Ele acompanha Jesus, conhece-o mais profundamente, aprende seus ensinamentos e é constituído como uma “pedra”, isto é, como uma rocha, para confirmar os irmãos na fé (Mt 16,18). No entanto, não esconde sua fragilidade, ao negar Jesus diante das ameaças (Mc 14,66-72).

Cada qual, por seu próprio caminho e com sua história particular, é chamado igualmente ao seguimento de Jesus. As diferenças não nos fazem divergentes ou excludentes, mas colaboram para nos completarmos mutuamente e nos enriquecermos com os dons uns dos outros. Celebrar a solenidade deste domingo nos insere na dinâmica do discipulado, tal como vivida por esses dois corifeus da nossa fé.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (At 12,1-11)

A primeira leitura destaca o personagem Pedro. A narrativa apresenta uma descrição de como viviam os primeiros cristãos logo após a ressurreição de Jesus. Os chefes do poder religioso e político daquele tempo se incomodavam com o grupo que estava surgindo. A fim de paralisar o movimento criado por Jesus, dever-se-ia eliminar seus seguidores. Não se sabia do que eram capazes e que ameaças causariam, por isso a perseguição.

*Pe. Marcus Mareano é bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (Uece). Bacharel e mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Faje). Doutor em Teologia Bíblica, com dupla diplomação, pela Faje e pela Universidade Católica de Lovaina, na Bélgica (KU Leuven). Professor adjunto de Teologia na PUC-MG, também colabora com disciplinas isoladas em diferentes seminários. Desde 2018, é administrador paroquial da Paróquia São João Bosco, em Belo Horizonte-MG. E-mail: marcusmareano@gmail.com

O trecho se inicia com a menção ao martírio de Tiago, irmão de João (At 12,2), morto pela espada. Em seguida, Herodes, vendo que a atitude agradava aos judeus, mandou prender Pedro para apresentá-lo na Páscoa judaica, semelhantemente ao que aconteceu com Jesus (Mc 15,1-15).

Lucas, o autor dos Atos dos Apóstolos, enfatiza a oração (At 12,5), por cuja força Pedro se livra da prisão. A oração da comunidade é respondida com a intervenção de um anjo, mensageiro de Deus, que anuncia: “Levanta-te depressa” (At 12,7). A oração encontra resposta prática na libertação de Pedro, como muitas vezes experimentamos quando pedimos e ou agradecemos a Deus.

Ao final do evento, Pedro reconhece que aquele era um enviado de Deus e que este agiu para livrá-lo de Herodes. Deus é o libertador de Israel (Ex 18,10; Dn 3,95). Quando olhamos um evento passado, percebemos, mais e melhor, a ação misteriosa e silenciosa de Deus. No afã de resolver uma situação ou de nos livrar de um problema, muitas vezes não sentimos de pronto a presença amorosa de Deus, que sempre permanece conosco.

As cadeias podem ser superadas quando a oração em comum ganha força e se torna vida. Não é um ato mágico que se faz para obter resultados imediatos. A oração nos transforma e nos compromete a atuar de uma maneira melhor. Deus age por meio de cada um que abre o interior para a realização de suas maravilhas.

2. II leitura (2Tm 4,6-8.17-18)

A segunda leitura enfatiza a figura de Paulo. A passagem se assemelha a um testamento espiritual. Embora a autoria não seja do próprio apóstolo, o texto carrega suas características e seu ambiente de formação.

Primeiramente, lemos a imagem do sacrifício (2Tm 4,6; Hb 10,10) e, em seguida, os temas da luta e da competição esportiva

(2Tm 4,7; 1Tm 6,12), devido ao desfecho de uma vida oferecida em prol da evangelização. Por conseguinte, espera-se um “prêmio”, uma coroa, como a que os competidores ganhavam (2Tm 4,8). No entanto, o galardão não é material nem passageiro, mas espiritual e eterno, que se recebe de Cristo.

A segunda parte da passagem demonstra o reconhecimento do auxílio divino em meio às intempéries da vida cristã. O Senhor veio em auxílio de Paulo e lhe deu força para que a proclamação da salvação fosse ouvida por todas as nações. Da mesma forma, livrará o apóstolo dos que lhe queriam mal. A Deus, a glória eternamente, pois continua a nos livrar dos males e a nos salvar em sua misericórdia.

O texto nos faz imaginar o fim de vida de um discípulo de Jesus. Não se olha tanto para as provas passadas, mas para a presença do Senhor em meio a todas elas. E, ainda, sente-se a reverência a essa ação divina. Assim, observamos o quanto vale a pena seguir Jesus. Não somente por um “prêmio” prometido, mas sobretudo por um amor constante, que se experimenta na realidade vivida. Que tenhamos esses sentimentos de gratidão e reconhecimento da ação de Deus.

3. Evangelho (Mt 16,13-19)

O episódio do Evangelho do dia tem como centro a fé dos discípulos em Jesus. Contudo, Simão se torna o porta-voz do grupo na confissão de fé. Por conseguinte, Jesus designa-lhe uma missão, confere-lhe nova identidade.

A questão proposta por Jesus em Mt 16,13-19 é fundamental para a compreensão da sua identidade. Os discípulos caminhavam com ele e, apesar do entusiasmo, ainda não sabiam tão bem quem ele era nem tinham certeza da sua missão como Messias.

O destino final da viagem é Jerusalém (onde será crucificado e ressuscitará), mas no caminho, passando pela região de Cesareia de Filipe, Jesus os interpela: “Quem

dizem os homens ser o Filho do Homem?” (Mt 16,13). A questão era a percepção que os outros tinham de Jesus, qual ideia sobre ele circulava entre as pessoas, o que achavam de tudo que era feito e dito. Os discípulos respondem: “Alguns dizem que é João Batista; outros, que é Jeremias ou um dos profetas” (Mt 16,14). A multidão percebia que Jesus falava em nome de Deus, como um profeta, como alguém da parte de Deus, mas não reconhecia sua identidade mais profunda.

A seguir, o questionamento se transfere diretamente aos discípulos: “E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mt 16,15). Aquele grupo já tinha uma caminhada com Jesus, conhecia-o mais do que a multidão e podia afirmar algo mais do que aquelas pessoas empolgadas, por isso Simão Pedro, como porta-voz dos outros, diz: “Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo” (Mt 16,16). Eles reconhecem em Jesus o esperado pelo povo de Israel, um revolucionário, alguém que fosse libertar os judeus da dominação romana.

A resposta acertada causa admiração em Jesus. Pedro é bem-aventurado por reconhecer algo tão valioso para o novo seguimento em que o grupo se empenhava. No entanto, esse entendimento tem origem em Deus, não é esforço da inteligência humana, não foram a carne e o sangue que revelaram isso a Pedro (Mt 16,17).

Por conseguinte, Jesus confere nova identidade àquele companheiro. Pedro é designado como pedra, rocha, representando o compromisso de manter-se firme e confirmar os outros do grupo na fé professada.

Para isso, Pedro recebe as chaves (Is 22,22) do Reino dos céus e o poder de ligar e desligar as coisas dos céus e da terra (Mt 16,19). A referência quer explicitar a missão da Igreja de refletir o mistério do Reino anunciado por Cristo. O que for de acordo com o que está no céu deve ser também na terra e vice-versa.

O amor de Deus

Teologia da Redenção

Valeriano Santos da Costa



96 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Esse livro faz teologia pelo viés da redenção, por meio de um ensaio sobre o amor de Deus em sua estrutura trinitária criadora e em sua relação com as criaturas, que representam a vida que pulsa no mundo. Para isso, usa o método antropológico, partindo do sentimento – realidade estritamente humana –, para chegar a Deus, em sua realidade trinitária de amor absoluto, que transborda criando todas as realidades cósmicas existentes.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A Igreja se constituiu a partir daqueles primeiros discípulos e foi se ampliando pelos séculos até nossos tempos. Atualmente, formamos a comunidade que segue o caminho de/com Jesus e ouve a Palavra de Deus com a mesma indagação: “O que você diz que eu sou?”

Unidos aos apóstolos Pedro e Paulo e à Tradição eclesial, renovamos nossa profissão de fé em Jesus. Ao reconhecermos quem ele é, ouvimos também quem somos para ele, nossa importância para a edificação da Igreja, sacramento do Reino de Deus no mundo.

Por causa desta solenidade, recordamos hoje o “dia do papa”. Quando iniciou seu pontificado, em um gesto memorável, o papa Francisco pediu que todos rezassem por ele. A oração nos une em um mistério de comunhão de amor com Deus e uns com os outros. Assim, formamos a Igreja que segue a Jesus, professa a fé e se mantém em oração e comunhão até a plenitude do Reino.

15º DOMINGO DO TEMPO COMUM

11 de julho

Chamados e enviados para a missão

I. INTRODUÇÃO GERAL

O Tempo Comum é caracterizado como um tempo para o amadurecimento da graça baptismal. Celebram-se os ensinamentos de Jesus, sua existência entre as pessoas e sua missão realizada no mundo por amor a Deus e à humanidade.

Este domingo constitui um chamado e um envio para participar efetivamente da vida de Cristo. Pelo batismo, somos inseridos no mistério da vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus. Esse mistério não pode ser guardado, como um tesouro a esconder. Ao contrário, deve ser compartilhado, proclamado, acreditado e celebrado. Todos os batizados são chamados e enviados em missão.

No entanto, a missão não consiste apenas em uma ação ou na dedicação momentânea a uma atividade. Ela é o estado comum do ser cristão. Por nossa fé, tornamo-nos missionários de Cristo. Recusar-nos a viver essa dimensão da fé é desconsiderar o efeito batismal na pessoa humana.

O profeta Amós experimenta quanto a força para profetizar é mais potente do que a recusa, a expulsão do templo ou qualquer adversidade. A carta aos Efésios fala dessa palavra como selada pelo Espírito Santo em nosso coração. No Evangelho, Jesus envia os discípulos dois a dois, com recomendações para seguirem adiante e levarem a Boa-nova a muitas pessoas. Comprometamo-nos com o que celebramos, tornemos nossa vida uma missão!

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Am 7,12-15)

O profeta Amós se apresenta como um cuidador de gado (Am 1,1; 7,14) que atua no Reino do Norte, no período anterior à dominação dos assírios (722 a.C.). Então, Israel vivia um tempo de sossego, mas já sentia as ameaças da dominação estrangeira.

O texto da leitura narra a expulsão de Amós por Amasias, sacerdote de Betel, porque as palavras do profeta incomodam o rei Jeroboão (Am 7,10). Amós não falava para agradar aos reis e sacerdotes, classes privilegiadas daquela sociedade, mas, fiel à palavra do Senhor, denunciava os desmandos da elite. A verdadeira profecia consiste em falar em nome de Deus, e dessa maneira Amós agia.

Por esse motivo, Amasias quer Amós em Judá, distante dele e do seu templo. Betel era um santuário edificado para o rei, e o sacerdote estava a seu serviço. Jeroboão o construía para se opor aos privilégios de Jerusalém, o templo do Reino do Sul (1Rs 12,26-33). Portanto, Amós era rejeitado pelo rei e pelo sacerdote por sua fidelidade ao Senhor.

Entretanto, ele reage à expulsão de Amasias, lembrando sua vocação para profetizar. Recorda que não era profeta nem filho de profeta, não pertencia a um grupo que exercia essa atividade em Israel. O Senhor o elegeu para profetizar no meio do povo, e a isso ele obedeceu.

A missão de todos nós assume semelhanças com a de Amós. Somos escolhidos em meio às nossas tarefas ordinárias, enfrentamos adversidades em relação a pessoas e situações e somos fortalecidos pelo Senhor para continuarmos nossa vocação específica. Deus, que nos chama, capacita-nos para seguir adiante. A palavra do Senhor nos é dirigida constantemente para transmiti-la com alegria aos demais. Somos profetas do Senhor no mundo contemporâneo.

2. II leitura (Ef 1,13-14)

A carta aos Efésios, que acompanharemos nos próximos domingos na liturgia dominical, foi dirigida aos cristãos da Ásia Menor (hoje Turquia), província romana cuja capital era Éfeso, cidade de forte cultura helenista.

O trecho da segunda leitura é a parte final de um hino de louvor a Deus (Ef 1,3-14). Ele possui características das orações de bênção usadas na liturgia judaica (2Cor 1,3; 1Pd 1,3). Deus é o sujeito dos verbos e age em Cristo. O autor recorda a eleição (v. 4-5), a libertação (v. 6-7), a recapitulação (v. 8-10), a herança prometida (v. 11-12) e, finalmente, os dons do Espírito Santo (v. 13-14).

Os efésios são exortados a recordar a Palavra de Deus ouvida (palavra da verdade, o Evangelho da vossa salvação – v. 13). Essa mensagem acolhida e acreditada é selada, como com um sinete (2Cor 1,22), pelo Espírito Santo. Ela é a garantia de uma herança incomensurável, eterna e prometida, já experimentada por meio da fé. A passagem se conclui com uma doxologia, completando o hino.

Essa leitura apresenta o efeito da pregação da Palavra de Deus na vida de uma pessoa. Olhando nossa história de fé em Cristo, como ouvintes de sua Palavra, podemos perceber a realização do que lemos. Da mesma maneira, contemplamos esses efeitos em outras pessoas e situações transformadas pela força do Evangelho.

3. Evangelho (Mc 6,7-13)

O Evangelho desta liturgia traz o envio dos discípulos para irem dois a dois, conforme o costume judaico repetido pelos pagãos (Lc 7,88; Jo 1,37). Um apoia o outro, e todos se comprometem com o anúncio e a prática da mensagem de Jesus: “O Reino de Deus está próximo, convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1,15).

Para a missão, não bastam discursos, sermões e pregações. Atos comunicam mais do que palavras. Por isso, Jesus dá aos seus enviados poder sobre os espíritos imundos (v. 7), pois portam consigo a presença divina, o Espírito Santo, que repele o mal e torna possível a comunhão do ser humano com Deus. O missionário não transmite nada de si, mas de Deus, que o inspira para aquela ação.

Jesus faz algumas recomendações práticas, próprias para aquele tempo. Não permite que eles levem algo pelo caminho, a não ser um bastão para apoio na caminhada e para espantar animais nas estradas. Não podem ter comida, nem bolsa, nem dinheiro, pois o objetivo é caminhar e percorrer os lugares recônditos das redondezas da Galileia. Para isso, ajuda um par de sandálias e uma túnica (duas atrapalham o missionário). O interesse da narrativa é demonstrar a dinâmica itinerante do missionário, que deve estar inquieto para transmitir o Evangelho.

Quando chegar a uma casa e for acolhido, ali deve permanecer. Se não encontrar acolhida nem quiserem ouvir sua mensagem, deve seguir adiante, sacudindo a poeira dos pés contra aquela rejeição (v. 10-11).

Por fim, o conteúdo do anúncio dos discípulos deve ser o mesmo do de Jesus: a conversão por causa do Reino de Deus (v. 15). Ademais, os que continuam a missão de Jesus assumem seu jeito de ser. Desse modo, tornam Deus presente por meio das suas ações (expulsando os demônios e curando os enfermos – v. 13).

O envio e as instruções do Evangelho proclamado continuam a valer para nossos tempos. As condições para a missão e o contexto sociocultural são diferentes, porém a recomendação da primazia da Palavra de Deus e as atitudes que acompanham a pregação servem de princípios para todas as atividades missionárias.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Qual apelo de Deus você sente em seu interior? Essa questão permanece em cada Eucaristia, especialmente, com base nas leituras deste dia. Cada pessoa experimenta de maneira particular o chamado de Deus e o envio em missão.

No imaginário de muitas pessoas, a missão é concebida como ida a um lugar para visitas e partilha da Palavra de Deus. Ela, na verdade, constitui o ser cristão no mundo. Por isso, a monja enclausurada em oração é tão missionária quanto o padre que parte para outro país para ajudar em alguma nova realidade. Todos somos convidados a assumir nossa realidade presente como missão, na qual devemos servir a Deus em cada pessoa necessitada de nós. Não só fazemos missão, mas “somos missão”.

Dom Helder Câmara possui um poema que se inicia assim: “Missão é partir, caminhar, deixar tudo, sair de si, quebrar a crosta do egoísmo que nos fecha no nosso Eu. É parar de dar voltas ao redor de nós mesmos, como se fôssemos o centro do mundo e da vida...”. A partida para a missão não consiste em um deslocamento de território, mas na conversão interior,

na saída de uma existência em torno de si mesmo para uma vida oferecida, doada e significada na alteridade.

Sejamos corajosos em responder ao Senhor. Ele conta conosco! Recebemos seu Espírito Santo para agir conforme Jesus Cristo e torná-lo presente no mundo. Saíamos para evangelizar e, quando necessário, usemos as palavras.

16º DOMINGO DO TEMPO COMUM

18 de julho

A compaixão pelas ovelhas sem pastor

I. INTRODUÇÃO GERAL

Contemplamos, nas Escrituras, a vida humana de Jesus, que teve um corpo, criou relações, agiu como humano e manifestou a presença de Deus em sua existência. Aprendemos a viver conforme sua vida, seguindo seus passos e praticando seus ensinamentos.

A liturgia deste domingo nos põe frente a frente com a compaixão que Jesus experimentava pela multidão que o seguia. As necessidades eram numerosas e de diferentes tipos (físicas, psíquicas, espirituais, materiais etc.), tal como vemos no nosso mundo presente. O que já era difícil se agravou com o período da pandemia, cujas sequelas ainda tanto nos impactam.

Celebrar a Palavra de Deus e a Eucaristia significa comprometer-se com a proposta que nos é comunicada. Deus promete novos pastores para seu povo (1 leitura), pois os reis estavam descompromissados com a missão. Jesus se recolhe com seus discípulos e percebe uma multidão numerosa que dele precisa (Evangelho). Ele reúne todos os dispersos, formando um só povo e derrubando os muros que nos separam (II leitura). Há um apelo para a compaixão, pois muitos vivem como “ovelhas sem pastor”.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Jr 23,1-6)

Essa passagem pertence à coleção de vários oráculos relativos aos últimos reis de Judá (Reino do Sul). O trecho selecionado para a liturgia é a conclusão, na qual Deus anuncia pastores (líderes) conforme seu coração, isto é, que tenham seus mesmos pensamentos, dispostos a realizar sua vontade e serem fiéis à Aliança. Uma profecia semelhante encontra-se em Ez 34.

A perícopes se inicia em forma de imprecação: “ai dos pastores...” (v. 1). Há uma oposição aos reis, que deveriam cuidar do povo e zelar pelo cumprimento dos mandamentos, no entanto abandonam o rebanho por causa de interesses particulares. O Senhor Deus é comparado a um pastor (Sl 23,1-4; 78,25-26; 95,7), e os reis e outras lideranças deveriam ser reflexo dessa presença divina.

A profecia se dirige contra esses maus pastores do povo. Eles o abandonaram, ocuparam-se em dispersar as ovelhas, ao invés de unir, e comportaram-se de maneira perversa e irresponsável (v. 2). Então, Deus vai reunir o que foi disperso, procurar o que está perdido e conduzir a lugares seguros. Em seguida, vai suscitar novos pastores para apascentar seu rebanho e agir conforme os tempos messiânicos (Jr 3,15; 29,10-14; 30,10).

Enfim, o oráculo identifica uma pessoa que assumirá essa função. Deus estabelecerá um rei, descendente de Davi, que será competente, defenderá o direito e a justiça (binômio importante para os profetas bíblicos) e terá por nome “Senhor, nossa justiça” (v. 6). Em hebraico, essa expressão evoca, ironicamente, o nome do rei Sedecias.

O texto cria a expectativa de um enviado de Deus para o cuidado do povo. Ainda hoje sofremos da mesma mazela de lideranças, principalmente políticas, descompromissadas com a maior parte

O futuro da fé

Harvey Cox



296 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Que configuração a fé cristã deverá assumir no século XXI? Em meio ao ritmo acelerado das mudanças globais e diante de um aparente ressurgimento do fundamentalismo, o cristianismo ainda poderá sobreviver como uma fé viva e fecunda? Com seu estilo rico e sua acuidade acadêmica, Cox explora essas e outras questões, num livro que é, ao mesmo tempo, autobiografia, comentário teológico e história da Igreja.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

da população. Triste situação a que assistimos em nosso país e em outras partes do mundo: os maus pastores prejudicando o rebanho de Deus.

O Senhor, nossa justiça, age para reunir o que se dispersa e curar o que se fere. Enquanto alguns agem mal, outros ouvem a Palavra de Deus e buscam ser seu reflexo como pastores do povo que desejam a vida, e não a morte.

2. II leitura (Ef 2,13-18)

A segunda leitura comunica a unidade de todos em Cristo. As segregações devem ser superadas, e, as diferenças, diminuídas, pois o Senhor aboliu os motivos que separavam as pessoas.

Para o judaísmo antes de Jesus e contemporâneo a ele, os pagãos estavam longe de Deus devido ao desconhecimento da Lei e às suas práticas idolátricas. Entretanto, Cristo trouxe os pagãos para junto de Deus (v. 13). A comunidade dos efésios experimentava o que lemos no texto. Eles se converteram à fé cristã sem passar pela circuncisão.

A situação de perturbação pela separação de Deus é revertida pelo sangue de Cristo, ou seja, por sua vida. Por isso, ele é a “paz” de todos, porque uniu o que estava dividido pelo muro dos preconceitos e do apego às normas e costumes. A existência carnal de Jesus faz que o amor supere o ódio e o perdão prevaleça sobre a punição.

A separação principal existente na comunidade dos efésios e em outras comunidades do Império Romano era a distinção entre judeus e pagãos. Então, a partir do judeu e do pagão, Cristo estabelece uma unidade de paz (v. 13.17), formando das duas etnias uma nova humanidade em comunhão com Deus e com pessoas unidas umas às outras.

A ação de Jesus veio unir e aproximar os que estavam distantes. Portanto, todos têm acesso ao Pai e podem viver na paz da sua comunhão (v. 18).

Ao contrário do que algumas mentalidades conservadoras defendem, Cristo não veio somente para alguns nem para segregar classes de pessoas. Ele veio unir, congregar, derrubar os muros e, como diria o papa Francisco, “construir pontes”. As atitudes que vemos de exclusão social, discriminação, injustiça e preconceito não são inspiradas na fé autenticamente cristã, mesmo quando usam o nome de Deus.

3. Evangelho (Mc 6,30-34)

Na sequência da leitura contínua do Evangelho de Marcos, lemos neste domingo o retorno dos discípulos da missão dois a dois (cf. domingo anterior: Mc 6,7-13), o recolhimento de Jesus para um lugar à parte (v. 31) e a compaixão pela multidão (v. 34).

Os apóstolos (enviados) regressam da missão e comunicam a Jesus os acontecimentos e ensinamentos (v. 30). Estavam entusiasmados com a experiência missionária e com os fatos que acompanharam a pregação deles. Então, Jesus lhes propõe ir a um lugar deserto, descansar, distante da multidão (v. 31-32). Era uma maneira de não apenas repousar, mas de avaliar e planejar para seguir adiante. A pausa é fundamental para melhor prosseguir. O deserto, nas Escrituras, é imagem do lugar da aliança de Deus com seu povo.

Contudo, a multidão não desiste de Jesus e dos discípulos. Muitas pessoas das cidades vizinhas, das aldeias por onde o grupo passava e outras que ouviam falar de Jesus iam até ele para encontrá-lo e ouvi-lo. A multidão chega antes de Jesus sair da barca (v. 33).

Ao ver aquela gente, Jesus se compadece dela pelos seus sofrimentos e necessidades. Ele “se move de compaixão”, como Deus (Ex 34,5-6; Is 40,11). Marcos a compara a “ovelhas sem pastor” (v. 34), imagem presente desde o Antigo Testamento, que descreve a demanda de uma voz para nortear o rumo a seguir (Nm 27,17; Ez 34,5.8; Jr 50,6). Jesus

é a Palavra de Deus encarnada que revela o mistério do amor do Pai. As pessoas precisavam desse “novo” ensinamento que consola e dá sentido à existência. Havia uma busca por parte de muitos, e eles encontravam resposta em Jesus.

O conteúdo do ensino de Jesus era o Reinado de Deus. Seu método não consistia em explicações descritivas a respeito do mistério do Reino, mas na vivência dele entre as pessoas. Isso atraía a multidão, cansada de tantos discursos vazios. Por isso, trata-se de ensinamento “novo”, como de alguém que tem “autoridade” (Mc 1,27).

A existência humana de Jesus era a explicação do Reinado de Deus. Diante das misérias daquele tempo, Jesus aliviava a dor com a presença de Deus. Sobre tudo diante das doenças, não existiam muitos recursos. A medicina era pouco evoluída e para poucos; por isso, as curas possuíam tremenda implicação social, o que levava muitos a querer estar com Jesus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Nossas realidades eclesiais e o mundo em que vivemos estão repletos de pessoas que caminham como “ovelhas sem pastor”, sem maiores sentidos de vida, sem propósitos nem objetivos. A Palavra de Deus propõe o recolhimento e o encontro.

Não somos apenas uma carne para ser cuidada, mas somos seres humanos vivos, livres, conscientes e desejosos de transcendência. Jesus nos convida a ir a um lugar tranquilo, sereno, para conversar, encontrar as belezas de Deus presentes na vida de todos nós, na luta dos operários, no trabalho de um médico, de um construtor, no esforço de um jovem que busca emprego, de um recém-formado, de alguém que estuda para entrar na universidade... Quantas histórias lindas temos para perceber em nós e no nosso meio! Somos, todavia, demasiadamente ocupados com uma vida vazia.

Assim como agiu com seus discípulos, Jesus também nos indica o silêncio e o recolhimento, para ouvirmos melhor o próprio interior, onde Deus habita. A unidade e a reunião das “ovelhas dispersas” se iniciam desde dentro, quando acolhemos nossos fragmentos e nos integramos na fé, no Senhor. A partir daí, ajudamos essa unidade em Cristo a realizar-se em outras pessoas, nas nossas comunidades e na nossa sociedade.

A compaixão sentida por Jesus deve preencher nosso coração e nos deslocar para o encontro com o outro necessitado. Não apenas como mero sentimento, mas como jeito de ser e de agir. Há tantas pessoas por aí necessitando da compaixão de Deus!

17º DOMINGO DO TEMPO COMUM

25 de julho

Alimentar os famintos

I. INTRODUÇÃO GERAL

“Você tem fome de quê? Você tem sede de quê?”, pergunta uma canção brasileira cuja letra exprime que o ser humano precisa de algo mais do que comida e bebida. Contudo, a liturgia deste domingo situa nossos pés na dura realidade de que há ainda muitas pessoas sem ter o que comer e o que beber, sem condições adequadas para a sobrevivência (saneamento, moradia, emprego etc.). A partilha dos pães nos lembra que nossos dons se multiplicam quando não os retemos para nós.

A dinâmica do pouco oferecido e partilhado com muitos se repete na primeira leitura e no Evangelho. O resultado é a formação de um povo abundantemente saciado por Deus, a ponto de sobrar mais do que havia na situação inicial. As pessoas alimentadas por Deus se unem, formando um corpo, o de Cristo, para viver a unidade na caridade do pão partilhado.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (2Rs 4,42-44)

No segundo livro dos Reis, há algumas narrativas de milagres realizados pelo profeta Eliseu, sucessor de Elias. O episódio que lemos na liturgia apresenta a distribuição de pães semelhante ao que teremos no Evangelho.

Um homem trouxe para o profeta um saco de pão das primícias, feito de trigo novo, de acordo com a descrição de Lv 23,17. Eliseu, chamado de “homem de Deus” (v. 42), recebe daquele homem anônimo o que se destinava aos sacerdotes do templo (Lv 23,20). O profeta não retém a oferta para si, pede que seja repartida com todos.

O ajudante replica ao profeta, pois eram poucos pães para muitas pessoas. Eliseu insiste na distribuição dos pães, esperando, conforme a palavra do Senhor, que todos comeriam e se fartariam. Assim aconteceu, como cumprimento da Palavra de Deus dita pelo profeta.

O relato se assemelha ao que já conhecemos das narrativas de multiplicação dos pães realizada por Jesus nos Evangelhos. Um bocado de pão oferecido, acolhido e distribuído a uma multidão. No fim, as sobras superam o que se tinha e percebe-se a superabundância da ação divina. O pouco ofertado, abençoado e partilhado se torna muito para satisfazer a todos profusamente.

2. I leitura (Ef 4,1-6)

Continuando a leitura da carta aos Efésios, acompanharemos, nos próximos domingos, a segunda parte da carta (Ef 4,1-6,20), que oferece orientações mais práticas para a comunidade. No trecho desta liturgia, temos um convite à unidade por meio da boa convivência dos vínculos fraternos.

O início exorta os destinatários a viver uma vida conforme o chamado recebido desde o princípio da fé em Cristo. A comunidade sofria com alguns dos seus membros rompendo a unidade, entusiasmando-se com

heresias e, por conseguinte, conduzindo-se segundo uma moral dissoluta e distante dos ideais cristãos. As separações ocorriam por conta desses ensinamentos contrários à fé comum. Então, deve-se praticar a humildade, a mansidão, a paciência e suportar uns aos outros em prol dessa unidade ameaçada pelas discórdias.

Em seguida, o texto recorda a unidade do corpo que constitui a Igreja, comunidade de fé. Há uma só esperança, um só Senhor, uma só fé, um só batismo, pois Deus é único e Pai de todos (Ef 4,6; Cl 3,12-15). Não se trata de uma unidade de aparências por falta de diversidade, mas de uma unidade em construção com base na fé em Deus uno.

No contexto da primeira leitura e do Evangelho, podemos relacionar a unidade indicada pelo autor com os pães distribuídos. A Eucaristia celebrada unifica os fiéis em um só coração e uma só alma para viver o mistério do amor no mundo.

3. Evangelho (Jo 6,1-15)

Na liturgia do Ano B, ano do Evangelho de Marcos, acompanhamos por alguns domingos o discurso do “pão da vida” em João 6. Trata-se de catequese eucarística ampliada da narrativa dos pães em Marcos.

Na sequência do Evangelho de João, Jesus conclui abruptamente o ensino a respeito do testemunho que ele dá do Pai (Jo 5,47). A partir de Jo 6,1, a cena se desloca de Jerusalém para o interior, a Galileia. Jesus se encontra à beira do lago de Tiberíades (ou de Genesaré) e atravessa-o. Tal como em Mc 6,33-34, muita gente vai atrás dele, por ter visto os sinais que ele realizava.

Entretanto, Jesus sobe com seus discípulos aos montes que ladeiam o lago. O evangelista situa o evento na época da Páscoa judaica, a comemoração do êxodo dos israelitas, quando Deus livrou seu povo da escravidão do Egito, alimentou-o no deserto e guiou-o à Terra Prometida. O leitor já se prepara para

uma ação de Jesus semelhante à de Moisés junto ao povo no deserto.

Então, Jesus vê a multidão do alto da montanha e questiona Filipe, para experimentá-lo: “Onde vamos comprar pães para que estes possam comer?” (v. 5). Jesus sabe o que quer e como vai agir. Ele toma a iniciativa. Em João, a pergunta “de onde?” sempre evoca uma origem misteriosa, algo que possui origem divina (Jo 1,48; 2,9; 3,8; 4,11; 6,5; 7,27-28; 8,14; 9,29-30; 19,39).

Portanto, Jesus possui um conhecimento superior ao dos discípulos, entre os quais Filipe, que pensa em termos deste mundo e conclui que 200 denários não bastam para que cada um receba um pouco de pão (cf. Mc 6,38 e paralelos; um denário parece ser a diária de um lavrador: Mt 20,2). Outro discípulo observa diferente. Há um menino com cinco pães de cevada e dois peixinhos (v. 9). João apresenta esse personagem com pães e peixes para recordar Eliseu (2Rs 4,21-44).

Eles estão diante do impasse de alimentar numerosa multidão com tão pouco. Então, Jesus entra em ação e ordena que os discípulos acomodem as 5 mil pessoas na grama daquele lugar ermo (v. 10). Em seguida, Jesus tomou os pães e, tendo dito a ação de graças (*eucharistia*), distribuiu-os aos que estavam sentados. Fez do mesmo modo com os peixinhos. Os gestos e as palavras usados no Evangelho são os mesmos da celebração dos primeiros cristãos.

Os pães e os peixes se tornaram abundantes, a ponto de alimentarem a multidão que seguia Jesus. Quando terminaram de comer, Jesus mandou recolher o que havia sobrado. Foram 12 cestos cheios das sobras dos cinco pães e dos dois peixinhos (v. 12-13). O número 12 representa as tribos do antigo povo de Israel e também os apóstolos, o novo povo de Deus, a Igreja; logo, o novo povo de Deus alimentado no deserto, sinal do dom messiânico de Deus em Jesus, que age como novo Moisés.

Onde está Deus?

A fé cristã na época da grande incerteza

Julián Carrón



A obra traz uma entrevista entre o vaticanista Andrea Tornielli, jornalista do periódico *La Stampa*, e o sacerdote Julián Carrón, presidente da Fraternidade de Comunhão e Libertação (CL).

A obra gira em torno de um tema principal: ainda é possível encontrar Deus na “sociedade líquida” em que estamos mergulhados? Além disso, reflete sobre a secularização e a descristianização, o relativismo, o possível fim da civilização cristã e a figura dos papas.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

O Evangelho de João fala de “sinais” realizados por Jesus. Prefere esse termo a milagres, pois os acontecimentos apontam para uma realidade além daquela apresentada imediatamente. Por isso, o povo reconhece Jesus como um profeta que deve vir ao mundo, a exemplo de Moisés, Elias e Eliseu (Dt 18,15; Ml 3,1.23), mas quer segurá-lo para proclamá-lo rei, um messias (rei) apenas político. Aquelas pessoas só pensavam na saciedade da fome material.

Havia um sentido mais profundo naquele acontecimento. As pessoas comeram pão e peixe e não observaram que aquilo indicava a partilha do pão e do vinho na última ceia, a qual, por sua vez, prenunciava a entrega de Jesus na cruz, sua morte e ressurreição. Logo, o sinal dos pães convidava a pensar em um alimento superior, que era a vida de Cristo.

Por fim, Jesus se retira sozinho para o monte (v. 15). Uma atitude de quem precisa de orientação divina para seguir adiante e de quem se inspira para agir de melhor maneira com seus discípulos.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A liturgia da Palavra nos convida à partilha. Há tantas pessoas famintas, sem vestuário, sem emprego digno, sem moradia adequada etc. Muitas realidades instigam nossa sensibilidade cristã para agirmos em favor dos mais vulneráveis da sociedade.

Ainda que não nos insiramos em algum projeto social perene, podemos agir de maneira mais solidária e fraterna nas relações mútuas. A Escritura nos convida a distribuir o pão que temos e somos. Apesar de podermos partilhar um pouco dos bens que possuímos, cabe-nos oferecer também nossas qualidades, nosso tempo para ouvir, a sabedoria acumulada nos anos, as experiências de vida, histórias marcantes, testemunhos de fé etc. Olhando nossos cestos, podemos encontrar outros pães e peixes para outras necessidades. Sempre temos o que oferecer!

Seria grande tristeza ter nossos estoques interiores vazios. Depois de alguns anos de vida, olhar para o passado e perceber que acumulamos quinquilharias, que nada temos para distribuir, para partilhar com quem está ao nosso lado.

Neste domingo celebramos o dia mundial do idoso, instituído pelo papa Francisco para recordar as pessoas mais maduras que muito nos ensinam com a experiência acumulada. Trata-se de oportunidade para pensarmos no cuidado mútuo e no sentido que damos à vida. Pode ser terrível percebermos que uma vida inteira se passou, tendo-nos encontrado muito ocupados com coisas e na mais completa vacuidade. Trágica verdade quando deparamos com o silêncio da inutilidade, de quem não viveu, de quem nada experimentou.

Olhando nossa vida e o que podemos oferecer, cabe-nos perguntar: “A quem daremos os pães? Que pães daremos? Como daremos esses pães?”.

18º DOMINGO DO TEMPO COMUM

1º de agosto

O pão da vida é Jesus

I. INTRODUÇÃO GERAL

Iniciamos o mês de agosto, que, para a Igreja no Brasil, é dedicado às vocações. Toda vocação é um chamado de Deus para algo. Fomos chamados à vida, à fé em Cristo, à santidade, e ainda somos chamados continuamente para novas missões. Que apelos do Senhor temos sentido?

As leituras evocam a imagem do pão, alimento humano básico para muitas culturas. Deus deu um pão no deserto para o povo saciar a fome e seguir adiante até a Terra Prometida (primeira leitura). Jesus dá um pão superior, sua própria vida, que sacia para sempre e conduz para a eternidade (Evangelho). A pessoa nova em Cristo,

alimentada por esse pão, deve viver distante da velha vida e renovar-se continuamente (segunda leitura).

Qualquer vocação nasce da escuta e é alimentada na Palavra e na Eucaristia. É tempo de reservar-nos para um exercício de silêncio e acolhida da vontade de Deus em nós. A chama do seu amor não pode se apagar, pois é dela que nasce o ardor do servir e do cuidar.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ex 16,2-4.12-15)

O livro do Êxodo narra a libertação do povo de Israel da escravidão do Egito. Nessa travessia, aquelas pessoas se constituem como povo de Deus com base em sua experiência de fé. O episódio do maná, neste domingo, demonstra a ternura e o cuidado de Deus com o povo eleito.

A leitura se inicia com a ambientação da narrativa (v. 2-3). O povo se encontrava no deserto, percorrendo-o com confiança na promessa de Deus. No entanto, as pessoas se cansaram e começaram a murmurar contra Moisés e Aarão. Diziam ser melhor terem morrido escravos no Egito, onde tinham alimentos, do que perecer no deserto. A reclamação por comida comportava também uma ingratidão à ação divina e uma nostalgia pela vida velha.

Deus responde ao clamor do povo. Promete um “pão do céu” para o povo recolher e se alimentar. Seguem-se, então, orientações sobre como aconteceria essa “prova” do Senhor para seu povo (v. 12-15). Os israelitas se fartariam diariamente do alimento oferecido por Deus por meio das codornizes. Não se sabia muito bem o que era. Consistia em algo misterioso, quase instantâneo, que satisfazia os famintos. Interessava compreender que aquilo era “o pão que o Senhor deu para comer” (v. 15).

Esse alimento dado por Deus no deserto ainda é provisório e sustenta apenas por

um tempo breve. Outro alimento superior será apresentado e alimentará eternamente, como verdadeiro alimento. O maná é apenas sombra de uma realidade maior, apresentada por Jesus.

2. II leitura (Ef 4,17.20-24)

As orientações práticas da segunda parte da carta aos Efésios (Ef 4,1-6,20) continuam. Os costumes e as práticas pagãs anteriores à fé em Cristo parecem influenciar ainda o comportamento dos efésios. A experiência de fé deve levar a viver de novo modo.

O texto possui a terminologia de uma catequese batismal semelhante a Cl 3,1-17. A comunidade se distanciava dos ensinamentos principais do início da conversão. Por isso, o autor afirma que a verdade está em Jesus (v. 21). Os outros ensinamentos que se infiltram na comunidade são, pois, mentirosos e geram confusão e divisão.

Na sequência, lemos a orientação para a renúncia das coisas velhas (v. 22), a necessidade de renovação interior (v. 23) e a ordem para revestir-se da novidade evangélica (v. 24). Esses versículos demonstram um programa de vida cristã que não se aplica apenas aos neófitos, mas destina-se, sobretudo, aos que caminham há mais tempo no seguimento de Jesus e esfriaram o compromisso de fé. Com efeito, os primeiros destinatários se comporiam dos mais experientes que voltavam às práticas pagãs.

Nessa leitura se contrapõem o antigo e o novo, a vida velha no paganismo e a novidade da experiência com Cristo. Essas realidades se fazem também presentes em nós e precisam ser percebidas e integradas. A liturgia constitui um momento oportuno para uma autoavaliação.

3. Evangelho (Jo 6,24-35)

O discurso do “pão da vida” se inicia após o episódio da caminhada sobre as águas (Jo 6,16-21). Jesus desenvolve e explica o

significado do “sinal do pão” (Jo 6,1-15), ensinando sobre sua identidade de Filho enviado do Pai.

A multidão segue Jesus e acorre a ele em Cafarnaum. As pessoas perguntavam espantadas quando ele havia chegado (v. 24-25). O mistério em torno da identidade de Jesus permanecia e se complementava com a resposta dele, que denunciava a procura de muitos não por terem visto sinais, mas por terem enchido a barriga de pão. Havia percebido o milagre apenas como meio para saciar a fome, e não como sinal de algo além. Não entenderam que era uma manifestação da presença de Deus por meio da distribuição realizada por Jesus.

Em seguida, o Mestre lhes ensinou o significado do seu sinal (v. 27). Deviam empenhar-se pelo alimento que, ao contrário do maná, não se acaba e é oferecido pelo “Filho do Homem”. Esse título é uma maneira comum na Bíblia para se referir a um ser humano qualquer (Ez 2,1), mas, na boca de Jesus e dos evangelistas, quase sempre lembra a visão de Dn 7,13-14, em que aparecem primeiro os reinos deste mundo, representados por quatro feras, e, depois, o Reino de Deus, representado por um ser humano. No tempo de Jesus, acentuava-se muito que esse Filho do Homem tinha autoridade para proferir o juízo em nome de Deus.

Aquelas pessoas que seguiam Jesus perguntaram-lhe sobre as “obras de Deus” (v. 28). A resposta dele esclarece que a “obra” que agrada a Deus é que acreditem naquele que Ele enviou. Há um jogo de palavras e de compreensão, pois os interlocutores perguntavam no plural e Jesus respondia no singular. Eles pensavam nas ações, e Jesus pedia uma atitude de fé (v. 29).

Então, Jesus é questionado sobre suas obras e sobre qual sinal daria (1Cor 1,22). Os antepassados haviam comido o maná no deserto (Sl 78,24; Ex 16,15), alimento que legitimava a atuação de Moisés (e

Aarão) como enviado por Deus. Agora, eles pediam uma prova da autoridade de Jesus, apesar de terem presenciado, no dia anterior, um sinal que deveria comunicar por si. Logo, não compreenderam bem o gesto do pão.

A resposta de Jesus apela para uma autoridade superior à de Moisés. O Pai foi quem deu aquele alimento no deserto e continua a dar um “pão verdadeiro” vindo do céu. O novo “maná” que Jesus tenta explicar dá vida ao mundo. Chegou o tempo de um pão que gera vida eterna sem a mediação de Moisés.

Novamente, há o desentendimento entre Jesus e seus interlocutores. Ele falava de um pão metafórico e os ouvintes entendiam outro pão, o material. Por isso, Jesus fala explicitamente: “Eu sou o pão da vida” (v. 35). Quem se aproxima de Jesus sacia uma fome e uma sede que nada nem ninguém pode saciar. Trata-se da eternidade que nenhuma matéria pode satisfazer.

Há uma pedagogia de Jesus no ensinamento deste domingo. Ele parte de um evento vistoso e abundante para explicar uma realidade silenciosa, misteriosa e oculta. Enxergar a fartura dos pães não é o suficiente, cabe reconhecer que Jesus constitui o verdadeiro “pão do céu” enviado por Deus para a salvação da humanidade. É necessário passar do evento à fé em Deus, que atua na história humana.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Que alimento temos buscado em nossa vida? Quais são nossas fomes e sedes? A liturgia deste domingo propõe um alimento para a vida eterna.

Apegamo-nos a tantas coisas materiais e passageiras e nos esquecemos da presença de Deus. Ele está por trás de tudo, sempre junto de nós, sustentando-nos nas alegrias e nas tristezas, nos sofrimentos e no gozo, nos problemas e nas soluções, nas conquistas

e nas comemorações. Se ele está nos bons momentos da vida, mais ainda permanece conosco nos desafios cotidianos.

Deus está nas mãos dos médicos, no carinho dos familiares, nas preocupações dos pais pelos filhos e na solidariedade que damos e recebemos. Mesmo quando a morte acontece, ele também está conosco. Ele escolheu permanecer entre nós em espécie de pão.

Quando Deus deu o pão para que aquele povo se alimentasse, queria alimentar muito mais que o estômago. Queria dar o conforto por meio da presença, do carinho, do amor, da entrega, da revelação de quem ele era. Jesus deu àquele povo um pão comum, mas afirmando que era Ele o pão da vida!

Os ministros ordenados, recordados neste domingo, exercem o serviço de comunicar a presença de Deus por meio de seus gestos, entre os quais a distribuição do pão da vida. Eles oferecem uma matéria que representa algo eterno. Todas as realidades passam, mas Deus é amor sem limites e é por meio dele que somos amparados, valorizados e amados.

19º DOMINGO DO TEMPO COMUM
8 de agosto

O pão da vida

I. INTRODUÇÃO GERAL

A imagem do deserto, recorrente nas Escrituras, recorda uma experiência importante para o povo da Bíblia: a libertação do Egito. Muitos de nós não conhecem esse bioma fisicamente, mas podem imaginá-lo pelas descrições e se apropriar dessas informações para pensar na existência humana e na fé.

Metaforicamente, o deserto pode representar um tempo árido na vida, um recolhimento reflexivo e um apelo à contemplação. É momento oportuno, tempo de graça, que favorece o amadurecimento humano, fecunda as ideias e projeta novas perspectivas. Assim, as leituras nos ajudam nessa jornada

Panorama das filosofias do século XX

Urbano Zilles



Urbano Zilles apresenta as principais abordagens filosóficas contemporâneas, colocando cada autor e suas ideias num amplo contexto histórico-cultural e buscando o diálogo da filosofia com as ciências e a cultura em sentido amplo. No complexo panorama do século XX, não ocorreu uma ruptura abrupta com o passado, mas referenciais tradicionais foram relativizados e surgiram problemas novos, aos quais é preciso atender. O livro serve de manual e guia seguro para uma introdução à filosofia contemporânea.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

vital que todos empreendem. A liturgia pode ser um instante de refúgio para seguirmos melhor adiante.

O elenco dos textos apresenta Elias cansado, que se recolhe para nova experiência com Deus. Ele volta à fonte da fé de Israel para refazer o próprio caminho de vida. O alimento para seguir com ânimo seu percurso prefigura o “pão da vida” explicado por Jesus no Evangelho. Quem dele come possui a vida eterna. Saciamo-nos dessas iguarias dadas por Deus para vivermos o amor como ele viveu, oferecendo a própria vida.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (1Rs 19,4-8)

Os dois livros dos Reis relatam episódios relacionados com o período da monarquia de Israel. Não se preocupam em fazer descrições jornalísticas dos fatos, mas em apontar a ação de Deus na história e em gerar fé nas pessoas que leem o texto. Entre tantos eventos ligados aos reis, há um espaço para o profeta Elias.

A leitura se situa em um momento em que o profeta se encontrava desolado por conta da sua proclamação contra Acab e Jezabel e os falsos profetas de Baal (1Rs 18,1-19,2). Queriam tirar-lhe a vida, por isso ele partiu para o deserto, a fim de se proteger e continuar a missão (1Rs 19,3).

Elias se refugiava nesse lugar que recordava a Aliança de Deus com seu povo. Por um instante, para sob um arbusto e pede a Deus a morte, pois se afligia com as ameaças e com a responsabilidade da missão, como Jonas (Jn 4,3.8) e Jó (Jó 7,15). Ali, ele deitou e adormeceu (v. 5).

Deus responde à oração do profeta e envia seu mensageiro (anjo) para comunicar-lhe a continuidade do seu ofício. A ordem é para que ele se levante e coma (v. 5). Assim fez Elias, encontrou o pão e a água, mas voltou ao sono de antes. Ele tentava escapar do desafio de profetizar.

O anjo novamente o toca e manda que se levante e coma, por haver ainda longo caminho a percorrer. Então, o profeta se ergueu, comeu e bebeu. Sustentado pelo alimento celestial, caminhou 40 dias até o Horeb, o monte da manifestação de Deus (Ex 33,18-23; 34,10-28). O número 40 representa o tempo do povo no deserto (Nm 14,33) e de Moisés na montanha (Ex 24,18; 34,28; Dt 9,9).

Elias percorre o caminho do povo a quem ele serve como profeta e recorda a Aliança de Deus com seu povo. As imagens do deserto, do monte, do alimento e do anjo remetem à experiência do êxodo. Assim como Deus guiou seu povo no passado, guiará igualmente Elias para a continuidade da missão.

2. II leitura (Ef 4,30-5,2)

Continuamos a ler a carta aos Efésios nestes próximos domingos do Tempo Comum. As recomendações práticas para os membros da comunidade iluminam nosso momento presente.

O trecho segue com as indicações para uma vida renovada. Primeiramente, não contristar o Espírito Santo, com o qual Deus selou os efésios para a salvação definitiva (v. 30). Por conseguinte, devem desaparecer das relações entre os irmãos e irmãs as amarguras, irritações, cóleras e toda espécie de maldade, pois a ação do Espírito de Cristo deve levar a novos comportamentos.

A seguir, o autor apresenta as proposições afirmativas (Ef 4,32-5,2). Os fiéis devem ser bons uns com os outros, compassivos, perdoar a quem precisa, imitar a Deus, enfim, amar como Cristo, ofertando a própria vida como oblação. Ocorre nesse último versículo a linguagem cultural para apresentar a maneira de Cristo amar, como uma “oferenda de agradável odor” (v. 2; cf. Ex 29,18; Lv 1,17).

O pão que nos sustenta e alimenta pode nos inspirar posturas diferentes para a ação

cotidiana. A palavra ouvida, saciada e celebrada deve nos ajudar a ter, uns para com os outros, atitudes e gestos mais condizentes com a escolha da fé.

3. Evangelho (Jo 6,41-51)

Acompanhamos nestes domingos o discurso sobre “o pão da vida” (Jo 6), uma catequese eucarística que se desenrola em Cafarnaum (Jo 6,24-25), por consequência da multiplicação dos pães (Jo 6,1-14).

O trecho do Evangelho deste dia se inicia com a “murmuração” dos judeus (v. 41), porque Jesus se proclama um pão descido do céu. O agir deles lembra as reclamações por alimento na saída do Egito (Ex 16,2). Tal atitude é considerada, na tradição judaica, como falta de fé. Portanto, temos uma oposição desses interlocutores contra Jesus, por causa da identidade dele. Eles pensam apenas na origem humana: “Este não é Jesus, o filho de José? Não conhecemos seu pai e sua mãe?” (v. 42).

Jesus, então, adverte-os para que tenham outra postura, diferente da dos antepassados no deserto (Nm 14). Ensina que as pessoas que vão até ele são atraídas pelo Pai, a quem os judeus chamam de Deus. Jesus ressuscitará esses fiéis no último dia (v. 44). Portanto, quem não acolhe sua mensagem, como os judeus nesse trecho do Evangelho, não está em sintonia com o Pai, não conhece os desígnios divinos.

Quando acontece a alguém acreditar, revela-se o sentido pleno da palavra da Escritura: “Todos serão discípulos de Deus” (v. 45; cf. Is 54,13; Jr 31,33-34). Quem ouve a voz de Deus e dele aprende vai a Jesus, pois ele foi enviado pelo Pai. A propósito, os judeus queriam muito ver a Deus. Ninguém viu. Só Jesus, que vem junto do Pai, é quem o viu e o revelou aos que creem (Jo 1,18).

A passagem conclui com a afirmação de Jesus de que quem nele crê tem a vida eterna

(Jo 3,15.16.36). Jesus é o pão da vida! Os antepassados dos interlocutores dele comeram o maná no deserto e morreram por lá. O maná saciava apenas a matéria, que se deteriora com o tempo. Jesus é um alimento que vem de Deus (desce do céu) para gerar vida eterna em quem dele se aproxima. Ele não apenas dá a vida, mas possui a vida em si mesmo (Jo 1,4; 5,26).

Por fim, Jesus especifica e sintetiza seu ensinamento, explicitando qual alimento oferece. O pão vivo que desceu do céu é sua carne para a vida do mundo (v. 51). A palavra “carne”, preciosa para João (1,14), designa a realidade humana com suas possibilidades e fraquezas (Jo 3,6; 8,15). A humanidade de Jesus, sua existência terrena e o mistério de sua vida são oferecidos para que quem nele crê possua a vida eterna.

A Eucaristia dada por Jesus e celebrada por nós é o memorial dessa entrega que culminou na cruz. Cada vez que comungamos do pão “eucaristizado”, estamos acolhendo o dom de sua vida, entregue por amor a cada um de nós. Esse alimento gera a vida eterna em nós e nos conduz à eternidade definitiva para a qual fomos criados.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Nossa existência é marcada por momentos bons e outros ruins. A dinâmica de viver exige de nós sabedoria para lidar com as variações e as surpresas que nos vêm. Apenas na virtualidade das mídias sociais a vida parece sem problemas.

O deserto é uma metáfora para representar a travessia deste tempo para a eternidade. Algumas vezes é preciso um refúgio, como Elias, para refazer o ânimo, experimentar a Deus, alimentar-se e conseguir forças para levantar-se e seguir. Esse refúgio pode ser um lugar ou um tempo dedicado a tal finalidade. A gruta do Horeb deve ser nosso interior, onde Deus se manifesta e nos encoraja para a missão.

Nossa fome e sede podem ser saciadas pelo “pão da vida”, a carne de Jesus a nós oferecida em cada Eucaristia. Encontramos no Senhor a força para não desistir diante dos desafios, sejam pessoais, profissionais, familiares etc. A comunhão com o corpo de Cristo nos faz viver seu amor e encontrar sentido para a existência.

Neste domingo ainda recordamos o dia dos pais e o início da Semana da Família. Que vivamos em nossos lares o que escutamos na Palavra de Deus. Celebrar bem a liturgia significa vivenciar o que aprendemos e praticar o que oramos.

SOLENIDADE DA ASSUNÇÃO
DE NOSSA SENHORA
15 de agosto

A vida plena em Deus

I. INTRODUÇÃO GERAL

O mistério da assunção nos faz voltar o olhar para o alto, para o mistério de Deus, para a destinação final de todos nós. Ao mesmo tempo, olhamos para nossa realidade terrena, material e carnal, na qual Deus se manifesta. Maria foi “assunta” aos céus “a partir de” e “com” nossa realidade humana.

A solenidade celebra a proclamação do dogma por Pio XII em 1º de novembro de 1950. Conforme lemos no documento *Munificentissimus Deus*: “A imaculada Mãe de Deus, a sempre virgem Maria, terminado o curso da vida terrestre, foi assunta em corpo e alma à glória celestial”. O enunciado do magistério não explica “como” aconteceu esse evento, apenas comunica o final da vida de Maria, a mãe de Jesus.

Maria compartilha o destino do Filho, o qual um dia também compartilharemos. Ela participou da vida de Jesus, foi discípula fiel, parte da comunidade perseverante na oração e apóstola do mistério de Cristo.

Então, foi ressuscitada por Deus, ou seja, foi assumida de corpo e alma, em sua totalidade, por Ele.

A destinação de Maria diz respeito também à nossa destinação final. Esperamos participar da ressurreição de Jesus como ela já participa. Professamos essa fé e aguardamos a realização, em nosso corpo, dessa glorificação definitiva.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Ap 11,19a;12,1.3-6a.10ab)

A primeira leitura narra a abertura do santuário de Deus no céu, a qual foi seguida de uma série de manifestações consequentes da visão da esfera celestial: relâmpagos, vozes, trovões, terremotos e tempestade de granizo (Ap 11,19b). Esses fenômenos naturais acompanhavam as teofanias no Antigo Testamento. O texto quer mostrar que algo divino está se manifestando.

Então, aparece nessa dimensão transcendente, o céu, um grande “sinal”. O Apocalipse usa esse termo para evocar os feitos divinos maravilhosos ou estupendos, assim como o livro do Êxodo fala dos “sinais” que Deus fez para o povo na saída do Egito. Surge uma mulher gloriosa, com características celestiais e divinas, pois era revestida de astros; vestida com o sol, possuía a lua debaixo dos pés e, sobre a cabeça, uma coroa de doze estrelas (v. 1). Estava grávida e gritava por causa das dores de parto, como a descrição em Gn 3,15-16, pois estava sofrendo com o trabalho de dar à luz o Messias (v. 5).

Em contrapartida, aparece outro sinal no céu, contrastando com o anterior: uma hostilidade, uma adversidade, um grande Dragão, avermelhado como fogo (v. 3). Ele tinha sete cabeças (plenitude de poder político – Ap 17,3.7.9) e dez chifres (grande número de vassalos – Ap 17,12.16) e, sobre as cabeças, sete diademas (insígnias de realeza). Seu poder e fúria são descritos por meio dessas cabeças, chifres e diademas.

A Mulher, representação da comunidade de fé, a Igreja, fugiu para o deserto, lugar valioso de refúgio dos perseguidos, oposto à cidade e evocador da ação de Deus (Ex 2,15; 1Rs 19,3-4; 1Mc 2,29-30). No tempo em que o livro foi escrito, a comunidade cristã de Jerusalém, expulsa pelo Império Romano por causa da Guerra Judaica, teve de se refugiar no deserto, do outro lado do rio Jordão (em Pela). O autor lembra o tempo do êxodo, no qual Deus tinha alimentado o povo de Israel no deserto do Sinai (Ex 16; Sl 78), e assim Ele prepara novamente um lugar onde seu povo seja alimentado durante 1.260 dias (Ap 11,2), como outrora o povo de Israel.

O trecho selecionado para a liturgia conclui com a proclamação da vitória de Deus: “agora chegou a salvação” (v. 10a). O acusador e perseguidor da comunidade de fé é derrotado pela chegada do Reino de Deus, do poder e da autoridade de Cristo. Assim, Maria assunta ao céu, celebrada nesta solenidade, representa essa vitória, da qual nós participamos prolepticamente por meio da fé.

2. II leitura (1Cor 15,20-27a)

Na comunidade de Corinto, Paulo enfrentava um problema de cunho doutrinal, a saber, a negação da ressurreição. Alguns fiéis, em virtude de uma compreensão antropológica diferente, segundo a qual o corpo não participaria da salvação escatológica, negavam a ressurreição dos mortos e a de Cristo (1Cor 15,12).

Essa negação vinha de uma perspectiva espiritualista platônica, dualista, na qual não se aceitava uma vida “corpórea” no além-morte. O corpo ressuscitar, nesse entendimento errôneo, significava um rebaixamento e uma contradição à vida espiritual, pois os espirituais já teriam atingido a perfeição da sabedoria e do uso dos carismas. Por isso já se sentiam

Viver em Deus sem Deus?

Roger Lenaers



280 págs.

CONFIRA
VERSÃO
E-BOOK

Imagens meramente ilustrativas.

O livro pergunta pelas consequências da tentativa de inculturar a fé cristã na Modernidade. Esta, por certo, parece essencialmente ateia. Por qual razão, então, uma pessoa sensata deveria afirmar a existência de Deus? A solução que se impõe só pode consistir em abrir mão da representação antropomorfa de Deus apresentada pela Tradição para procurar o Deus verdadeiro, cuja imagem tradicional é apenas um esboço provisório, insatisfatório e ultrapassado pela evolução.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-0164011

paulus.com.br

ressuscitados, alienando-se do momento presente e considerando a morte sem o acréscimo de realidades novas.

O ponto de partida da argumentação de Paulo é o credo cristão primitivo (1Cor 15,3-5), segundo o qual Cristo morreu pelos nossos pecados (1Cor 15,3), foi sepultado (1Cor 15,4a), foi ressuscitado ao terceiro dia (1Cor 15,4b), apareceu a Cefas e a um grupo de discípulos (1Cor 15,5).

Então, a passagem da liturgia deste domingo afirma a ressurreição de Cristo como primícias dos que morreram (v. 20). Portanto, em Cristo, todos ressuscitarão conforme seu tempo, sua ordem e momento (v. 22-23). A celebração da Assunção de Maria afirma a participação de Maria no mistério da ressurreição, do qual um dia também participaremos. Os dois eventos (ressurreição de Jesus e assunção de Maria) proclamam a vitória do amor de Deus sobre o pecado humano, a superação da morte pela vida e o triunfo da comunhão sobre a separação.

Para Paulo, a corporeidade humana é atingida pela ação salvífica de Deus. O Cristo crucificado e ressuscitado possui um corpo (1Cor 10,16; 11,27). A ressurreição puramente espiritual não corresponde ao sentido do batismo, pois por ele o cristão é inserido no corpo de Cristo, para que a morte seja superada e vencida pela força ressuscitadora do Espírito Santo.

3. Evangelho (Lc 1,39-56)

A mirada para o além, para a destinação final e para a assunção não pode nos distrair da realidade pragmática na qual vivemos. O Evangelho apresenta indicações de como Maria praticava sua fé: escuta de Deus, disponibilidade para servir e reconhecimento das maravilhas do Senhor na própria vida.

A passagem se inicia com Maria “levantando-se e indo apressadamente”, desde

Nazaré da Galileia até as montanhas da Judeia, para chegar à casa de sua prima Isabel. A novidade anunciada pelo anjo (Lc 1,26-38) não a acomoda, mas põe a “serva do Senhor” em movimento para servir a quem precisa. Ela visita porque foi visitada por Deus! Isabel, representante da esperança do povo de Israel, estava grávida do precursor do Messias. O encontro entre as duas mulheres e entre as duas crianças repercute fisicamente em seus ventres e nas emoções de ambas as mães (v. 39-45). A esperança se encontra com a realização da promessa.

Na sequência, Maria canta, enaltecendo o Senhor, que fez maravilhas por ela e por seu povo (v. 46-55). O *Magnificat* é proclamação forte, aguerrida e revolucionária da ação divina na história humana. Demonstra a predileção de Deus pelos humildes e pobres, e o desejo de estabelecimento de um mundo de relações mais igualitárias e justas. Cantando, Maria resume os feitos do Senhor na história do povo de Israel e prolonga seu “sim” comprometido com o projeto salvífico de Deus.

Por fim, a imagem da mulher grávida, capaz de dar à luz a novidade de Deus para o mundo, une-se à imagem da mulher assunta e acolhida por Deus. A espera inicial do “novo” se liga ao destino dado pelo Senhor como dom aos que creem. Maria, mulher de fé, precedeu-nos!

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Relendo o dogma da Assunção de Maria e pensando em suas repercussões, podemos compreender que não somos uma alma aprisionada em um corpo. Este não constitui um empecilho para nossa plena realização como seres humanos destinados à comunhão com Deus. Ao contrário, na ressurreição, nossa corporeidade é resgatada e transfigurada no absoluto mistério de Deus.

Assim, Maria, glorificada no céu em corpo e alma, é a imagem e o começo da Igreja e da humanidade do futuro, um sinal escatológico de esperança e consolo para o povo de Deus que caminha para a pátria definitiva. As pessoas que vivem uma consagração específica em um carisma explicitam esse sinal escatológico. Vivem no aquém as realidades do além, como ensina o dogma da Assunção de Maria.

O papa Francisco, pensando na Assunção de Maria, reza desta maneira: “Maria, a mãe que cuidou de Jesus, agora cuida com carinho e preocupação materna deste mundo ferido. Assim como chorou, com o coração trespassado, a morte de Jesus, assim também agora se compadece do sofrimento dos pobres crucificados e das criaturas deste mundo exterminadas pelo poder humano. Ela vive, com Jesus, completamente transfigurada, e todas as criaturas cantam sua beleza” (*Laudato Si'*, n. 241). Que seja assim nossa oração e que ela se torne ação e compromisso de fé e vida.

21º DOMINGO DO TEMPO COMUM
22 de agosto

A opção pelo amor de Cristo

I. INTRODUÇÃO GERAL

O Tempo Comum vai avançando, e a Palavra de Deus instiga-nos interiormente para escolhas na vida. Aos poucos, vamos percebendo algo que não condiz com o que ouvimos ou algum caminho que percorremos e não deve ser retomado. Somos seres de escolhas, e Deus nos ilumina para fazermos o melhor.

O texto de Josué conclama o povo de Israel para servir o Senhor. Jesus questiona seus seguidores sobre se querem continuar ou desistir do caminho, pois alguns achavam aqueles ensinamentos duros e difíceis.

A carta aos Efésios apresenta o amor de Cristo como opção para as relações humanas. Assim, os textos desta liturgia nos propõem uma reflexão a respeito das opções que fazemos na vida.

Todos nós, servidores da comunidade, tema vocacional deste domingo, podemos ouvir o apelo de Deus em nosso interior. Quais escolhas devemos fazer para melhor servir o Senhor?

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Js 24,1-2a.15-17.18b)

O livro de Josué é pouco lido e conhecido por muitos de nós. Ele narra um momento importante da história do povo de Israel: a chegada à Terra Prometida por Deus e a conquista desse espaço. Josué é o sucessor de Moisés e o personagem de destaque do livro.

O trecho da primeira leitura se situa na parte final do enredo, quando o autor da obra elabora uma “despedida” de Josué em forma de discurso. A cena se apresenta como uma assembleia entre os israelitas em Siquém, cidade-santuário das 12 tribos, antes de celebrarem a renovação da aliança com Deus.

Os primeiros versículos (v. 1-2) localizam o leitor no evento. Era uma reunião de todas as tribos, juntamente com os anciãos, chefes, juízes e demais líderes. A liderança de Josué parecia soberana como a de Moisés, seu antecessor, porque ele falava em nome de Deus a todas essas pessoas reunidas. A Palavra de Deus era proclamada a fim de que o povo continuasse no propósito da aliança com o Senhor.

Um dos pecados mais graves do povo era a idolatria, a troca da fé no Deus único de Israel pelos deuses fabricados dos povos vizinhos. Então, Josué propõe uma escolha, perguntando a quem querem servir: aos deuses a quem os antepassados serviram ou ao Senhor Deus. Ele demonstra nitidamente sua opção fundamental: “eu e minha casa serviremos o Senhor” (v. 15).

Movido pelo exemplo de Josué, o povo reage consentaneamente, aderindo à fé em Deus. A resposta do povo recorda os feitos divinos na sua história. Deus livrou os pais da escravidão do Egito, realizou sinais maravilhosos diante das pessoas e guardou o povo com carinho e proteção. A memória de Israel confirma a fidelidade divina. Por conseguinte, o povo adere a Deus e se dispõe a servi-lo.

A todo tempo, somos colocados diante de escolhas na vida. Josué não teme optar pelo serviço a Deus. O povo segue seu exemplo e adere à mesma escolha. Nós, que lemos e ouvimos, somos questionados sobre nossas escolhas e a quem servimos em nossa vida. Renovemos nossa escolha pelo Senhor Deus.

2. II leitura (Ef 5,21-32)

Acompanhamos, nesta liturgia dominical, o último trecho da leitura contínua que fazemos da carta aos Efésios. O tema da perícopes são as novas relações em Cristo, principalmente as relações familiares.

O autor se dirige, primeiramente, aos que temem a Cristo (v. 21). Eles devem se submeter uns aos outros. Essa “submissão” pode ser entendida como disposição para servir, e o serviço deve ser a identidade cristã, conforme ensinou Jesus (Mc 8,35). O pressuposto conhecido é a família antiga patriarcal, da qual o homem era o provedor responsável.

Segue-se uma comparação do amor de Cristo pela Igreja com o amor dos esposos. Assim, podemos entender em que sentido as mulheres devem ser submissas aos maridos (v. 22). Não é legitimação do machismo, mas uma comparação com a Igreja, comunidade de fé, que se empenha em servir a Cristo por amor. De igual modo, os maridos devem amar as esposas e se entregar por elas, a exemplo da entrega de amor de Cristo (v. 25). O paralelo que o autor faz é entre Cristo-marido e Igreja-esposa. A relação conjugal se assemelha à ligação de Cristo com a Igreja, uma esclarece a outra.

O amor de Cristo se demonstra em doação de vida, realizada em seu ato salvífico. A terminologia é influenciada pelo ambiente litúrgico e cultural, reminiscências das práticas rituais para o batismo: a purificação com a água, a escuta da Palavra e a apresentação sem mancha e santa (v. 26-27).

Da mesma forma, os maridos devem amar as esposas como a si próprios. Na Antiguidade, as mulheres eram produtos que os homens adquiriam para constituir uma família. As Escrituras propõem nova perspectiva, mais humanizada: a mulher possui a mesma dignidade e deve ser vista como parte do marido, como seu corpo e sua carne (v. 28-29). Percebemos uma interpretação do episódio da criação da mulher em Gn 2,21-24, por isso a citação direta de Gn 2,24 em Ef 5,31.

Eis o grande mistério! O amor de Cristo pela sua Igreja se reflete no amor dos esposos. Com isso, caracteriza-se uma relação de doação e acolhida de um pelo outro. Ambos são chamados ao serviço, mais do que ao domínio. Devem preferir a entrega de vida ao fechamento egoísta.

A opção por amar realiza e gera felicidade. Se, na primeira leitura, era uma escolha por Deus em detrimento dos ídolos, aqui é uma escolha de amor e doação como Cristo fez. Nossas escolhas de vida podem refletir esse mistério de amor.

3. Evangelho (Jo 6,60-69)

Neste domingo também acompanhamos a última parte do discurso do “pão da vida” no Evangelho de João. Os efeitos do que Jesus ensinou refletem em seus ouvintes, principalmente nos discípulos.

Algumas pessoas do público de Jesus acharam suas palavras difíceis demais para serem aceitas. Era uma novidade exigente! Então, Jesus percebe interiormente que eles estão resmungando, como em Jo 6,41, por ter-lhes ensinado a respeito do pão

que desce do céu. Mais assustados ficarão quando virem o Filho do Homem subir para onde estava antes, para sua origem em Deus. Como em outros momentos no discurso, os interlocutores não compreendem o que Jesus fala.

O Espírito é quem vivifica e conduz à compreensão das palavras de Jesus (v. 63). No entanto, eles ainda eram carnaís, fechados em si mesmos (Jo 3,6-8), precisavam de conversão para assimilar o mistério apresentado por Jesus. As “duras” palavras de Jesus são inspiradas pelo Espírito (sopro divino) e geram vida, porém a carne (os critérios humanos) não serve para interpretar o sinal dos pães e o apelo à conversão embutido nele.

Jesus pensava além da realidade e sabia que nem todos aqueles que se diziam discípulos realmente acreditavam, o caso extremo foi o de Judas. Então, seus discípulos eram conduzidos a fazer uma escolha fundamental: aderir e converter-se ou recusar e continuar da mesma maneira. Por consequência, entre os que se diziam discípulos, muitos viraram as costas a Jesus e seguiram outro rumo (v. 66).

Jesus não se frustra com a desistência de alguns. Ele não precisa de multidão nem de fã-clube. Por conseguinte, corajosamente, dirige-se aos discípulos mais próximos: “Vós também quereis ir embora?” (v. 67). Pedro, porta-voz do grupo como em Mc 8,29, responde, renovando a fé: “A quem iremos Senhor? Tu tens palavras de vida eterna. Nós cremos e reconhecemos que tu és o Santo de Deus” (v. 69). A fé é demonstrada e renovada. A escolha de Pedro e dos discípulos é continuar no seguimento de Jesus.

As palavras de Jesus, que instigavam e incomodavam quem as ouvia, agem de igual modo, no nosso tempo. O Evangelho demonstra essa força que interpela e à qual nem todos correspondem. O incômodo é para que escolhamos e descubramos a vida eterna, renovando a cada dia a fé naquele que é o “Santo de Deus”.

JOVEM,

Seja um **padre**
ou **irmão paulino** e
anuncie o Evangelho
abraçando o carisma
da comunicação!



Serviço de Animação Vocacional dos Padres e Irmãos Paulinos

Caixa Postal 700 | CEP: 01031-970
São Paulo – SP | Tel.: (11) 3789-4009
centrovocacional@paulinos.org.br
paulinos.org.br

 (11) 99270-1678  @padres_paulinos

  @padrespaulinos



PADRES E IRMÃOS
PAULINOS

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Encontramo-nos sempre diante de escolhas na vida. Seja em coisas simples, como escolher uma roupa, uma refeição ou um lugar para ir, seja em questões mais complexas, como escolher um estado de vida, uma profissão ou tomar uma decisão que compromete a vida de muitos. Qualquer que seja a circunstância, cabe-nos ponderar, refletir e optar pelo melhor.

Josué propõe a fé em Deus em oposição à busca dos deuses dos outros povos. Efêssios apresenta o amor de Cristo pela Igreja como modelo de amor entre os esposos e para outras relações humanas. O Evangelho convida os seguidores de Jesus a um discernimento: seguir as palavras duras do Mestre ou abandonar sua proposta. Hoje somos confrontados. Que escolhas precisamos fazer na vida?

Às vezes, precisamos deixar algumas coisas, alguns costumes, algumas atitudes. Outras, precisamos buscar algo, agir em determinada direção ou mudar o rumo da vida. A liturgia aponta como critério a vontade do Senhor, seu amor, suas palavras de vida eterna. Quando encontramos essa beleza, podemos ir adiante.

22º DOMINGO DO TEMPO COMUM

29 de agosto

Viver a lei do amor

I. INTRODUÇÃO GERAL

Encerrando o mês de agosto, dedicado às vocações, recordamos a missão dos catequistas, entendidos não só como quem assume mais diretamente o ministério de transmitir, na comunidade, a fé cristã a crianças, jovens e adultos. Todas as pessoas devem viver a fé de modo a transmiti-la ao próximo. Assim, a comunidade de fé é catequizadora e comprometida com o Evangelho.

Somos rodeados de tarefas exigentes e de normas para cumprir. As leituras deste domingo contribuem para percebermos os costumes de nova maneira. A Lei, para o povo de Israel, era Palavra de Deus para ser cumprida, e não acrescida de arranjos secundários. Realidade que, infelizmente, Jesus encontrou na vivência religiosa do seu tempo.

Diante das discrepâncias entre o apego às tradições e a originalidade do mandamento, Jesus ensina que aquilo que sai do interior da pessoa é mais grave e mais capaz de torná-la impura do que os alimentos e atos de higiene próprios dos diferentes tempos. Tiago completa que a fé tem de ser vivida na prática do amor, não apenas como teoria intimista e individualista.

Fixemos no essencial e saibamos lidar com o que é acessório. A fé cristã consiste no amor uns pelos outros, da mesma forma que viveu Jesus. As normas existem para favorecer esse objetivo.

II. COMENTÁRIO DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura (Dt 4,1-2.6-8)

O livro do Deuteronômio retoma, em nova perspectiva, muitos temas e narrativas já abordados em Êxodo, Levítico e Números. O autor recorda ao povo a aliança com Deus, que permanece fiel e espera o comprometimento dos israelitas.

A leitura apresenta o dom da Lei em forma de pregação, que se desenvolverá no decorrer dessa seção (Dt 1,1-4,43). Ela conclama os destinatários para a escuta atenta (Dt 6,4) e para a prática (Lv 18,5) dos mandamentos e normas que Deus ensina, por meio de Moisés, como condição para o dom da terra. Não se deve colocar ou retirar nada em relação aos ensinamentos divinos (v. 2). Seria uma traição à Palavra de Deus.

O povo de Israel se distinguia dos outros povos vizinhos daquele tempo por causa da sua fé em um único Deus. E ainda um

Deus invisível, audível, presente na história e que fez aliança com o povo. Portanto, cumprir as orientações do Senhor torna Israel sábio e entendido, capaz de provocar a admiração dos outros povos pelo valor da Lei. Esta significa liberdade e vida para o povo de Deus.

Enquanto os povos vizinhos tinham seus filósofos e seus grandes monumentos, Israel possuía a riqueza da prática da Lei como uma sabedoria exuberante. Viver os mandamentos significava testemunhar Deus aos demais povos, e a idolatria constituía uma infidelidade do povo a Deus.

Assim, podemos ver a Lei de Deus não apenas como “letra” morta, mas como “palavra” dinâmica, capaz de gerar vida em quem a põe em prática. Substituir a essência da Lei por costumes agregados trai o sentido do dom de Deus para seu povo.

2. II leitura (Tg 1,17-18.21b-22.27)

Doravante, na liturgia dominical, acompanharemos a leitura da carta de Tiago. Ela se dirige a cristãos de origem judaica e mantém o estilo de exortação profética e de um ensinamento sapiencial preocupado com aspectos práticos da vida.

A passagem deste dia orienta como se deve viver a religião. O autor inicia explicando que as dádivas para o ser humano possuem origem divina, vêm do alto, do “Pai das luzes”, criador de todas as coisas (v. 17). Foi Ele quem gerou novas pessoas pela Palavra da verdade para serem as primícias de sua criação, isto é, sua obra mais importante. O ser humano deve reconhecer que toda bondade vem de Deus.

Outro aspecto da prática da religião, conforme o texto, é a acolhida da Palavra. O primordial mandamento de um judeu naquele tempo era a audição da Palavra de Deus: “Escuta, Israel...” (Dt 6,4; Mc 12,29). Contudo, não basta só ouvir; importa também praticar, não apenas como

obediência às regras, mas como expressão da própria identidade de amar como Cristo amou.

Por fim, Tiago insiste em uma religião da práxis. Ele associa o culto à vida, a exemplo dos escritos proféticos. Portanto, a verdadeira religião consiste em visitar os órfãos e as viúvas em suas tribulações, mais do que em queimar incenso e oferecer sacrifícios.

Naquele tempo, os órfãos e as viúvas, juntamente com os estrangeiros, viviam em uma situação econômica precária. Dependiam da ajuda de outras pessoas. Os judeus tinham leis para protegê-los e promoviam a tarefa religiosa de acolher e ajudar (Ex 22,20-22; Dt 10,18-19; Is 1,17). Então, a religião verdadeira consiste na vivência da fé pela prática do amor e da justiça, mais do que no mero cumprimento de deveres institucionais (Mt 5,17-19).

Em nossos templos, muitas pessoas participam das celebrações. No entanto, devemos nos alegrar mais quando a vivência religiosa continua após o culto, no cotidiano da vida, nas relações interpessoais e no jeito de ser e estar na sociedade. A fé celebrada tem de se tornar atitude em prol de um mundo melhor. O ouvinte tem de se tornar praticante da Palavra.

3. Evangelho (Mc 7,1-8.14-15.21-23)

Retomamos o Evangelho de Marcos, após alguns domingos acompanhando o discurso do pão da vida no Evangelho de João.

O texto se inicia com as discussões entre Jesus e os escribas a respeito do tema da pureza. Os judeus tinham a Lei de Moisés como ensinamento principal para a organização da vida. Também cumpriam, no tempo de Jesus, diferentes costumes, oriundos das tradições dos antigos (Dt 4,2). Alguns, apegados às normas, seguiam a observância das tradições de forma radical. Jesus, então, vem esclarecer a interpretação da Lei, para ser melhor praticada.

Os escribas e fariseus observavam os discípulos de Jesus comendo pão sem lavar as mãos. Marcos explica à sua comunidade, formada por cristãos oriundos do paganismo, como alguns judeus costumavam lidar com os alimentos e os objetos, a fim de não se contaminarem (v. 3-4). Eles não comiam sem lavar as mãos até o pulso e não comiam sem se lavar quando chegavam da praça. Havia muitas outras coisas observadas, como a maneira de lavar taças, jarra, recipientes de cerâmica e de metal.

Então, esses fariseus e escribas perguntam a Jesus por que os discípulos dele não procedem conforme a tradição dos antigos. Jesus responde com uma referência a Is 29,13, segundo o qual o povo honra a Deus com os lábios, porém tem o coração (sede da inteligência humana) distante dele. E conclui acusando os fariseus e escribas de abandonarem o mandamento de Deus em troca de costumes humanos secundários (Dt 4,1-2).

Na sequência, Jesus ensina sobre o “puro” e “impuro” e mostra que, sobre isso, a realidade não era aquilo que comumente se pensava. Não é o que entra no ser humano de fora (por exemplo, alimentos, utensílios etc.) que pode torná-lo impuro. O que sai de dentro do ser humano é o que o torna impuro. A distinção judaica de alimentos puros e impuros já não tem sentido (At 15,28-29; Tt 1,15). Jesus inverte a perspectiva do ensinamento dos antigos. A interioridade da vivência da Lei, com o coração, torna-se mais importante do que as observâncias externas sem nexos.

Em continuação, Jesus lista uma série de sentimentos que fazem o ser humano impuro diante de Deus e das pessoas (v. 21). Do interior humano podem surgir maus pensamentos, más intenções, prostituições, roubos, homicídios, adultérios, maus desejos, perversidades etc. O elenco pode se ampliar, de acordo com o tempo e cada pessoa.

Importa atentar para que a maldade não surja no interior humano, se materialize e se torne ato. Portanto, é necessário o cuidado com a interioridade, antes da externalidade.

O texto deste dia nos ensina um pouco sobre os costumes judaicos e sobre como os cristãos deveriam se portar em relação a essas práticas. Para Jesus, importava mais a maneira de viver do que os cumprimentos de preceitos e costumes. De igual modo, podemos pensar a vida cristã como um compromisso de amor a Deus e ao próximo mais do que como mera observância de normas.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A fé cristã é, antes de tudo, um encontro com a pessoa de Jesus. Uma experiência que dá novo sentido à vida e traz novas maneiras de compreender a realidade, na qual se inserem os preceitos e costumes.

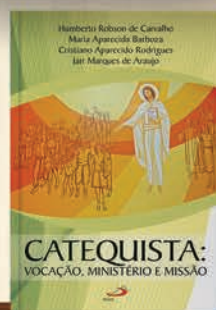
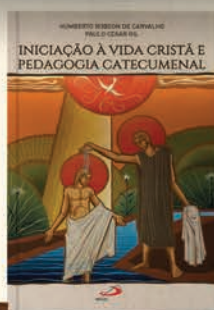
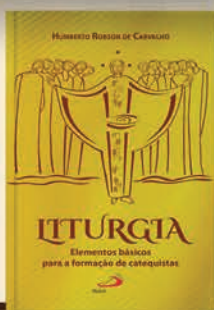
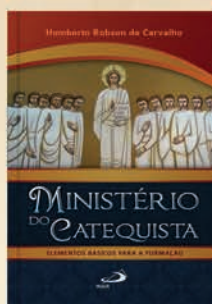
A Lei era um distintivo do povo de Israel, e seu cumprimento representava a fé em Deus e a fidelidade a ele. Contudo, um grande número de interpretações e tradições secundárias foi acrescentado aos mandamentos essenciais, de forma que, no tempo de Jesus, muitos se apegavam mais às práticas rotineiras do que ao sentido original da Lei. A oposição de Jesus, no Evangelho desta liturgia, designa a fidelidade à Lei, em seu sentido profundo, como mais importante do que a execução de ações desnecessárias.

Tiago ratifica o ensinamento de Jesus no Evangelho. A religião cristã não é apenas culto no espaço sagrado (igreja ou capela), mas sobretudo saída ao encontro de quem precisa, como fez Jesus em sua vida terrena. Catequese se faz com práticas, além de conteúdo.

Atualmente, existem muitos grupos de pessoas que se sentem “fiéis” por cumprir preceitos eclesiais. A fidelidade querida por Jesus leva ao amor autêntico a Deus e ao próximo, o qual consiste mais em ações do que em palavras (1Jo 3,18).

vp

Formação integral do catequista



Pe. Humberto
Robson de Carvalho

A catequese é um dos principais focos da missão da PAULUS. São mais de 200 títulos dedicados ao tema que buscam conceder aos catequistas a maior variedade de ferramentas para o exercício de sua missão.

Aqui selecionamos oito obras, assinadas por um mestre em Educação e especialista em Catequese, que oferecem formação pessoal, litúrgica, bíblica e missionária aos catequistas, a fim de prepará-los de maneira integral.

**Uma missão importante exige uma formação à altura.
Prepare-se por inteiro!**

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 08000-164011
vendas@paulus.com.br
f i t @editorapaulus

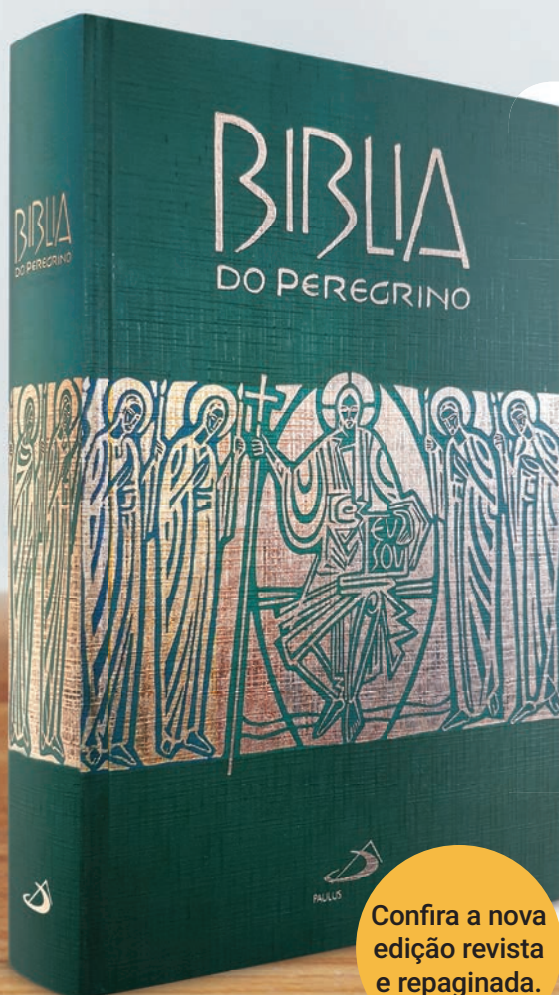


Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!



BIBLIA DO PEREGRINO

Edição brasileira do consagrado trabalho
do biblista Pe. Luis Alonso Schökel.



Para oração e aprofundamento bíblico

- Busca reproduzir o estilo poético com que a Bíblia foi escrita
- Tradução idiomática, conservando o estilo e as opções textuais de Pe. Schökel
- Livro de consulta e estudo, com material abundante para estudantes e estudiosos da Bíblia, religiosos, padres, catequistas, ministros e grupos bíblicos
- Introduções amplas e completas para cada livro



PARA QUE
A PALAVRA
DO SENHOR SE ESPALHE
RAPIDAMENTE 2Ts 3,1

ANO BÍBLICO DA FAMÍLIA PAULINA 2020-2021

Confira a nova
edição revista
e repaginada.

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 0800-0164011
vendas@paulus.com.br
f i t @editorapaulus



Aponte a
câmera do
seu celular e
saiba mais!


PAULUS